



# Portugal Colonial

REVISTA DE PROPAGANDA E EXPANSÃO COLONIAL

DIRECTOR  
HENRIQUE GALVÃO  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO  
F. ALVES DE AZEVEDO  
ADMINISTRADOR E EDITOR  
ANTÓNIO P. MURALHA

SEDE  
RUA DA CONCEIÇÃO, 35, 1.º  
End. Telegráfcica: MINERVA  
Telefone 24253  
PROPRIEDADE DA EMPRÊSA  
PORTUGAL COLONIAL  
NÚMERO 62

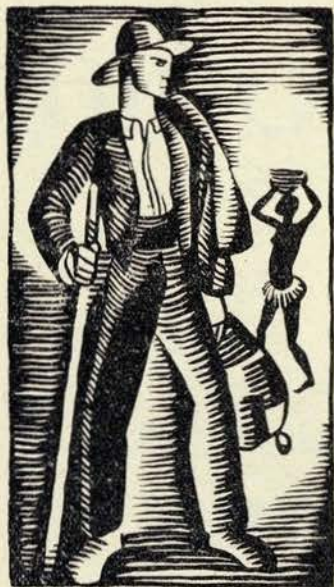
PREÇO AVULSO  
Metrópole..... 3\$00  
Colónias..... 4\$00  
(ASSINATURAS)  
Metrópole (6 meses)... 18\$00  
Colónias (6 meses)... 24\$00  
COMPOSTO E IMPRESSO  
OTTOSGRAFICA LIMITADA  
Conde Barão, 50 — LISBOA

## SUMARIO

A QUESTÃO COLONIAL E A EUROPA .....	<i>Henrique Galvão</i>
TERRAS DE PORTUGAL: I—NAZARÉ.....	<i>António Montês</i>
APONTAMENTOS BREVES SÓBRE A CRIAÇÃO DE GADOS NA PROVÍNCIA DA HUÍLA .....	<i>Teodósio Cabral</i>
QUESTÕES ETNOGRÁFICAS DOS ÍNDIGENAS DA NOSSA ÁFRICA.....	***
PÁGINA LITERÁRIA — O LEÃO, O ELEFANTE E O LEBRE .....	<i>Maria Archer</i>
DA IMPRENSA COLONIAL TRANSCREVE-SE.....	***
FÓLHA DE INFORMAÇÕES COMERCIAIS DA «CASA DA METRÓPOLE» EM LOURENÇO MARQUES...	***
NO ESTRANJEIRO .....	***
LIVROS E PUBLICAÇÕES.....	***
CRÓNICA DO MÊS.....	<i>H. G.</i>
NOTAS DO MÊS.....	***
INFORMAÇÕES, ETC.....	***
ESTATÍSTICA .....	***



# A QUESTÃO COLONIAL E A EUROPA



**N**o primeiro número do Suplemento da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1892 — há 43 anos bem contados — escreveu Eça de Queiroz um artigo «A Europa em resumo» em que se lê esta passagem: «É toda-via esta é a mais interessante parte do mundo — a

única na verdade interessante, porque só ela conserva preciosamente esse radiante dom da raça Ariana, que eu chamarei a Fantasia».

Esse dom, volvidos quarenta anos turbulentos, transformou-se na doença da Europa. É talvez a sua fantasia em desordem, cultivando absurdos e paradoxos, que nos oferece o espectáculo tão estranho a que estamos assistindo.

Dêsse espectáculo, em que o grotesco e o trágico andam de braço dado, recortamos o quadro que diz respeito à questão colonial — ontem agitada pela Itália para justificar a sua aventura na Etiópia, hoje jogada pela Alemanha para ... para quê?

O problema trágico, angustioso, da Alemanha, reside nos seus setenta e dois milhões de habitantes amarrados a um território que, não lhes dá o bastante para se alimentarem. Aperiada entre a fronteira francesa de oeste e as fronteiras de leste — não pensa que para o lado da França o seu problema possa encontrar qualquer solução. Mas julga talvez que para leste onde esbarra com as fronteiras políticas de uma série de Estados criados pela paz de Versailles e com territórios cuja densidade de população é fraquíssima e donde vê a Ucrânia, despovoada e fértil, o seu problema se resolveria.

Daí a sua pressa de ocupar a Renânia, o seu propósito de fortificá-la — o seu interesse de sossegar quanto ao oeste para que possa dispor de todas as forças a leste onde se encontra a solução do seu problema.

A Rússia pressente o perigo e vê o problema alemão. Sabe de que lado rebenatará a costura dêsse saco tão atulhado. E apressa-se a fazer o pacto franco-soviético com o governo burguês da França — pacto que obrigará esta a uma atitude militar no caso de agressão à Rússia.

Então a Alemanha põe a questão colonial.

¿ Porque a questão colonial realize o seu interesse resolvendo a seu angustioso problema?

De-certo que não. A Alemanha sabe — e sabe-o por experiência própria — que as colónias africanas ou asiáticas que poderia obter, não absorveriam senão quantidades insignificantíssimas da sua popu-



# TERRAS DE PORTUGAL

## I—Nazaré

POR ANTÓNIO MONTÊS

**C**ABE hoje a vez a uma praia, a Nazaré, a mais formosa, a mais castiça, a mais pitoresca povoação ribeirinha de Portugal.

Para a vermos bem, vamos disfrutá-la do seu mais belo miradouro, do Sítio dêsse lugar milagroso construído por Deus junto do céu, no alto dum promontório sublime, encantador, suspenso caprichosamente de rochas, que parecem despenhar-se sôbre o mar!

Estamos numa terra silenciosa e triste, sempre de luto, quási exclusivamente habitada por mulheres, vestes negras emoldurando rostos causticados pelo mar, mãos postas em permanente oração à Virgem Santíssima da Nazaré; os homens, dados à aventura, foram uns para as costas da Terra Nova à pesca do bacalhau, e os outros, para mais longe... para a morte!

Entre o céu e o mar, o Sítio—Águia branca que o Sol doura todo o dia—, olha as ondas do mar azul, a que as rendas de espuma dão poesia, o mar azul que na roda do ano leva

dezenas de vidas, que até à morte lutaram heróicamente.

Avista-se dali, o mais belo, o mais rico, o mais sugestivo panorama da costa portuguesa!

Para o miradouro ter mais encanto, mais doçura, mais melancolia, ergueram os homens sôbre aquele promontório imenso, duas igrejas:—uma de grandes proporções, para os peregrinos que vêm de longe em multidões enormes, e outra pequenina, risonha, junto dum rochedo milagroso, para artistas, para pensadores, para namorados...

De perto desta capelinha airosa—Mãe daquela outra que guarda a Virgem Santíssima— alcança-se um panorama sem par, sentímo-nos embalados, pois o promontório é como que uma grande nau, a navegar docemente sôbre duas praias formosas:—a do Norte, séria, bravía, deserta, mostrando-nos a costa até ao Cabo Mondego, e a do Sul, meiga, doce, acariciante, abrigada por montanhas e pinheirais.

---

*lação. Mesmo que, fazendo um prodígio, colocasse nas colónias um milhão de homens em 30 anos — o que, repelimos, seria prodigioso — é em que resolveria isso o problema dos setenta e um milhões que precisam de terra para lhes dar de comer?*

*A questão colonial deve ter sido lançada para exercer uma pressão europeia.*

*A Alemanha precisa, de facto, mais território.*

*Mas é na Europa que o deseja porque é só na Europa que lhe convém e que ela pode acudir às suas dificuldades.*

*O pior é a barreira de leste a transpor.*

*A dificuldade está na ameaça de oeste perante qualquer movimento precipitado.*

*Mas como na Europa moderna a fantasia se tornou uma doença — os políticos doentes de fantasia, os países, vítimas do dom admirável que os torna originais no mundo, vão produzindo absurdos e paradoxos enquanto não chega a hora de produzirem combates.*

*Entretanto é preciso ver nas coisas, nos factos, nos acontecimentos o que há por detrás do «manto diáfano da fantasia».*

HENRIQUE GALVÃO





Têm a sua história as duas igrejas, onde se venera a Virgem da Nazaré, pela qual os pescadores têm a maior devoção. Esta, encontra-se largamente demonstrada numa lápida, na «Capela da Memória», onde Frei Bernardo de Brito, monge do convento de Alcobaça, profundo investigador e cronista do reino, a colocou. Diz assim:

«A sagrada e veneranda imagem da Virgem Maria, sendo trazida da cidade de Nazareth, resplandeceu em tempo dos godos, com milagres, no Mosteiro de Cauliniana, junto à cidade de Mérida. Foi trazida a esta última parte do mundo, pelo monge Romano, sendo-lhe companhia El-Rei D. Rodrigo, no ano de Cristo de 714, em que aconteceu a perda geral de Espanha. E como o monge morresse e El-Rei partisse, ficou aqui escondida, em uma pequena choça, posta entre dois escabrosos penedos, por espaço de 463 anos.

«E sendo depois achada por D. Fuas Roupinho, capitão de Pôrto de Mós, no ano de 1182, como êle próprio testifica na sua doação, sucedeu que, arremessando inconsideradamente o cavalo ao alcance dum veado, que lhe fugia, e por ventura era fingido, e indo já para cair na última ponta dêste despenhadeiro, invocando o nome da Virgem, foi livre da queda e mais da morte e lhe dedicou esta primeira ermida.

«Finalmente foi trasladada por D. Fernando de Portugal a êsse outro templo maior, que êle mandou levantar, desde os primeiros fundamentos, no ano de 1377. E o Doutor Frei Bernardo de Brito, dedicou esta obra à Virgem e à eterna lembrança por voto que tinha feito».



Na «Capela da Memória», erguida por D. Fuas Roupinho em acção de graças por não ter sido tragado pelas ondas, vê-se o Pelicano da divisa de D. João II, e, no Santuário, erguido defronte, têm interêsse os azulejos holandeses do século XVIII, a capela-mór, de talha dourada, e uns azulejos portugueses, igualmente do século XVIII, assinados por Mestre Manuel Borges.

É nesta igreja que os devotos encontram a Virgem Santíssima, padroeira da terra e doce inspiradora de poetas, prosadores e dramaturgos.

Visitada anualmente por muitos milhares de peregrinos, que ali deixam as suas promessas, atribuem-lhe grande poder milagreiro, e em volta da pequenina imagem, que, no dizer do cronista, tem «um palmo e meio espaço» e é «de rosto alegre, sereno e grave, de côr trigueira e grande perfeição», teceu a imaginação popular lendas cheias de poesia, hoje consagradas.

Dentre os primeiros visitantes, destaca-se o primeiro,—D. Afonso Henriques—que foi agradecer-lhe a salvação do irmão, o alcaide D. Fuas Roupinho; D. Fernando I, no século XIV, inaugurou a igreja, que a expensas suas foi construída, vindo mais tarde a «Excelente Senhora».

Tempo depois é o Príncipe Perfeito quem ali vai com sua mulher, a benemérita Rainha D. Leonor, que então ofereceu à Virgem riquíssimos paramentos bordados, com as insígnias reais, quem sabe se como lembrança, eternamente saudável, da morte desastrosa do infeliz Príncipe D. Afonso.

A seguir, Vasco da Gama—o que havia de ser Almirante das Índias—, que antes de partir para a sua viagem marítima, ali foi, trocando a cadeia de ouro que usava no seu gibão, pelo colar de contas que a Senhora tinha ao pescoço.

Conta-se que, quando o fidalgo ia a passar o Cabo da Boa Esperança, se levantou forte temporal, que pôs as naus em perigo.

Engrossam os mares, rugem os ventos, os lemes perdem-se, e a tormenta é tal, que ameaça a vida dos mareantes!

Acode a Vasco da Gama uma inspiração sublime!

Ata a um cordel o colar da Virgem e atira-o ao mar. Milagrosamente, acalmam as ondas, abrandam os ventos e as naus seguem, magestosas, imponentes, com a Cruz de Cristo nas velas brancas, a caminho de Calecut!

À volta, visita Vasco da Gama a Nazaré, deixando no Santuário uns ricos panos para o altar.

D. Manuel vem depois, e aumenta a igreja, que o Cardial D. Henrique visita mais tarde; no reinado de D. João III, é S. Francisco Xavier quem, antes de partir para o Oriente com o Vice-Rei D. Estêvão da Gama, ali vai pedir forças à Virgem para a missão de paz, amor e religião, com que assombrou o Japão e a China.

D. Sebastião, antes da trágica viagem de Alcácer-Kibir, supplica a protecção da Santa



e mais tarde D. José I oferece-lhe um presente, verdadeiramente real.

D. Maria I e D. Pedro III, visitam também o templo, onde tempos depois, vai D. João IV e o que havia de ser D. Pedro IV.

Vêm as invasões francesas; o Santuário é saqueado, e os habitantes da Nazaré, batem-se galhardamente, olhos postos na Padroeira da sua terra.



À mistura com as altas figuras da côrte, uma legião imensa de peregrinos visita há séculos a Virgem Santíssima, em honra da qual se realizam grandes festas, no mês de Setembro.

Vão então de muito longe, romagens de devotos, com os círios da Prata Grande, de Penela, de Obidos, de Matacães, das Caldas e de outras terras.

São cortejos tradicionais, de enormes caravanas religiosas, cheias de pitoresco e colorido, cuja chegada o povo aguarda com interesse, no largo fronteiro ao templo.

Repicam festivamente os sinos, ouve-se o foguetório, e entretanto, no meio da alegria e da curiosidade da multidão chega o círio, esperado longe pela garotada.

Traz à frente o juiz, respeitável, empunhando o pendão, bifurcado no seu cavalo e cobertinho de pó. Os romeiros, com as suas opas vermelhas, o carro com os anjos de capacete à romana e asas de arminho, a berlinda puchada por duas parelhas ajaezadas, levando na traseira dois criados empoados, de libré e tricorne...

Noutro tempo, uma fôrça de lanceiros da Rainha, fazia a guarda de honra à Virgem, que uma enorme fila de carros e cavaleiros acompanhava. Na cauda, a filarmónica, anima o luzido cortejo...

À chegada ao Sítio, como à passagem pelas várias terras do longo percurso, dá graça o ver cantar das loas, em que os anjos se preocupam mais com as luvas brancas que levam nas mãos, do que com os versos que entoam, e que sabem de cor e salteados...

São três dias de festa rija, onde não falta o arraial, as touradas, o fogo de vistas, os bailaricos e a dança alegre do «Vira da Nazaré», que faz delirar os pescadores...



Distraído a descrever-vos as festas do Sítio, esquecia-me de vos falar da Nazaré, que lá em baixo, cheia de vida, é uma das mais concorridas praias de Portugal.

A casaria branca—bando de pombas poucado à beira-mar—, é cortada por ruas paralelas, tôdas com o mesmo fundo: o mar, fonte de pão para uns, cemitério para muitos!

Serenos e fortes, os pescadores da Nazaré, de barretes negros e camisas de flanela de xadrês, aguardam o momento de meter à água os barcos frágeis, em cujas proas a sua fé escreveu nomes cheios de ternura, como: «Deus te guie», «Mar da Vida», «Luz do Sol», «Seja o que Deus quizer»...

E emquanto os homens, ingénuos, supersticiosos, confiantes no seu vigor, se metem ao mar, elas, de ancas largas e peitos fortes, olhos negros e rosto trigueiro, lenço de lã, chapéu preto de asas reviradas com graciosa borla ao lado, capa negra sôbre os ombros, salgam o peixe, estendem-no a secar, carregam-no e, palmilhando léguas e léguas de canastra à cabeça, apregoam e vendem de porta em porta, o peixe, que depois de tantas cancelas, é muitas vezes quási dado...

A gente da Nazaré, bondosa, simples e trabalhadora, fala pelos cotovelos, sempre a cantar, numa linguagem rude mas expressiva, prolongando as sílabas como gemidos. Ao mais leve despeito, ralha em ruídosa gritaria, insultando-se vigorosamente.

Faz dó, quando o mar está encapelado, ver êsses rostos de sofrimento, suplicando a protecção da Virgem, mãos levantadas ao céu; quando o barco está prestes a naufragar, arrípiam os gritos, impressiona o alarido. As mulheres desgrenham-se, deitam-se ao chão, e a beira-mar, habitualmente alegre, soalheira, movimentada, transforma-se num quadro triste, apavorante!

Mas... o batelinho deu à costa! A Virgem das Sete Espadas, as Cinco Chagas de Cristo e a Virgem Santíssima da Nazaré, valeram-lhe!

E então, uma vez em terra, joga-se, bebe-se, dança-se, torna a alegria a inundar essa terra bendita que o mar beija, e que é uma das mais belas, mais curiosas, mais pitorescas de Portugal, onde os milagres, as lendas e os costumes dum povo que sabe o que é chorar, põem uma nota inconfundível de originalidade na terra portuguesa.



# APONTAMENTOS BREVES

## Sôbre criação de gados na província da Huíla

POR TEODÓSIO CABRAL

Ao muito ilustre e proficiente Médico-Veterinário, Dr. Abel Lima do Sacramento Pratas—não só pelo sentimento de profunda e inabalável amizade que nos une, como também por saber, quanto, às investigações de carácter científico tem dado, do melhor do seu saber profissional e, quanto acrisolado carinho lhe tem merecido os estudos pecuários de problemas tão intrincados, em cuja solução se tem empenhado com denodado esforço, numa luta constante, em prol do ideal da técnica, no vasto campo das averiguações.

O prático, com o desejo único de o auxiliar nas suas conclusões, oferece êste desprezencioso trabalho ao teórico, que é hoje, sem a menor sombra de dúvida, um técnico-prático, de firme autoridade profissional.

Possam estas notas encontrar dentro de âmbito das suas investigações técnicas algum merecimento e essa será a nossa grande alegria e a nossa maior recompensa.

### Preâmbulo

Ter criação de gados!  
Ser criador de gados!

Eis a arte, para a qual muita gente supõe nada mais ser necessário do que, comprar umas vacas e uns bois; tê-los à solta nos matos; deixar às manifestações da Natureza, os cuidados da procriação, para que, ao cabo de um quanto tempo, se verifique uma produção de umas centenas, ou possivelmente milhares de cabeças, em multiplicações sucessivas, nada havendo a diminuir ou diminuir.

Mais e muito mais e muito diferente!  
Criador de gados!

Como se fôsse e banal sê-lo, na acepção insufismada do termo, em tôda a amplitude da sua acção!

É tarefa árdua, é bem ingrata e exige tamanha soma de conhecimentos e de tal ordem, que nem a técnica da teoria no-los ensinam, adquirem-se sim êsses conhecimentos, mas com o auxílio de um longo tempo de prática, mercê de metuculosos estudos, inúmeras e aturadas experiências observações minuciosas, etc., etc.

Todos estes atributos, definem bem que, ser criador, é possuir de facto a arte de bem saber acompanhar e

conduzir tôdas as transformações e necessidades dos gados, nas suas diferentes fases, desde a sua geração até à plenitude do seu desenvolvimento e daqui até ao limite da sua utilidade, reprodutora ou comercial.

É evidente que, esta arte, como de resto tôdas as mais, requiere uma tendência, especial, um temperamento essencialmente propenso às qualidades de combatividade necessárias, para chegar-se a bom termo de empreendimentos, pois que, a par de muitas canseiras e de tôdas as conseqüências de uma acção rigorosa, vingam freqüentissimamente as decepções de onde dimanam desalentos de tal ordem que, muitos têm sido os criadores de gado inexpertos, violentamente vencidos pelo desânimo.

É de facto uma vida cheia de preocupações para aqueles que, sendo criadores de facto, se dedicam e trabalham com afã, cuidando dos gados com o carinho extremo com que se pode cuidar o que de mais precioso e querido tenhamos.

Mas, a-pesar-da rudeza natural e do bravio lidar, a criação de gados tem em si muitos extremos delicados e o criador, orgulhoso da maravilhosa grandiosidade dos seus aspectos que derivam de tôda a sua acção, sente-se feliz e empenha-se na realização duma finalidade que pode chegar a ser imponente.

### Pastagens

Para se manter com normalidade uma criação de gado, é indispensável, primeiro que tudo, ter-se explorado e escolhido previamente, uma região abundante em água e, onde sempre que seja necessário haja possibilidade de a conservar, em represas, cacimbas, ou qualquer sistema eficaz, de modo a assegurar o necessário abastecimento do precioso líquido, tão indispensável à vida de todos os animais.

Assegurado o abastecimento de águas, para tôdas as eventualidades, há que atender à natureza dos pastos, em cuja escolha deve imperar o conhecimento absoluto das inúmeras variedades de capim, ervas e arbustos que constituem a principal alimentação do gado.

Há regiões onde abunda o capim e não obstante, o gado conserva-se franzino outras onde o gado engorda balófamente, outras há cujos capins viscosos o gado, nem lhes pega e ainda outras cujo capim bom, vegeta à mistura com ervas venenosas ou crescendo com outros mais fracos etc., etc.

Portanto, a escolha de regiões sob o ponto de vista de pastagens tem que atender a tôdas estas particularidades, tendo cada uma delas o seu grau de importância, portanto não podendo deixar de ser guiada e obedecer a



um conhecimento absoluto das múltiplas variedades de capins que nelas pululam, cuja nomenclatura, caracteristicamente indígena é já familiar daqueles que, contando longos anos de peripetivas pelas selvas, conhecem os seus segredos no todo ou em parte e que durante longos anos também se dedicaram com atenção ao estudo do desenvolvimento das criações de gado, nas várias regiões de pastagem.

Na previsão de pastagens deficientes, poder-se-ia talvez prover a sua melhoria, indicando a plantação de forragens ou plantas cuja cultura fôsse fácil e possível nestas terras sem prejuízo das suas propriedades alimentares, como exemplotemos a piteira que é designada por "taibaibeira,, (a da variedade sem espinhos) que, na África do Sul, constitui um grande alimento para os gados e tem a grande vantagem, de ser de desenvolvimento quasi espontâneo e, sucessivo, dispensando qualquer regimen de cuidados com o seu desenvolvimento.

Não sofre com a seca e, a sua natural frescura, corre preciosamente para a decedentação dos animais.

A "taibaibeira,, (nome regional), é uma variedade cactécea da familia da (Figueira do Inferno) e que, técnicamente é conhecida por "Nopal,,.

A plantação deste género de cactécea teria que efectuar-se no principio das chuvas, nos lugares altos cujo sub-solo é apropriado a toda a espécie de agricultura, "quando fôsse possível a irrigação.

São estes os terrenos onde o indígena faz invariavelmente as suas lavras no principio das chuvas e vive com o seu gado.

Os terrenos marginaes, sobre tudo os das grandes linhas de água, têm os inconvenientes de serem argilosos e, muito alagadiços no tempo das chuvas. O pasto que então oferece e que se estende paralelamente às matas num prolongamento de cinco e mais kilometros é da pouca predilecção.

Todavia, quando no tempo sêco, em determinados anos, se faz sentir a falta de pastos e que o cheiro acre, característico dos pântanos têm desaparecido nestes terrenos, passam a ser estas pastagens a salvação dos gados, tendo a vantagem da proximidade da água que lá no alto já desapareceu, por terem secado as lagoas, represas, e até as cacimbas onde os indígenas se abasteciam.

## Chuvas e secas variações atmosféricas

Tempo de chuvas e tempo de secas.

Heis como é considerada a divisão do tempo, relativamente às estações do ano. A estação das chuvas, em anos regulares, começa em Outubro e termina em Abril. Quando esta normalidade se verifica, os pastos ficam bem desenvolvidos: a água abunda em todos os lagos, poços, cacimbas, regatos, etc.; e o gado atravessa então com relativa facilidade a quadra sêca do ano, aguentando-se sem prejuízo, ainda que, as chuvas do próximo ano, venham um pouco retardadas.

Se porém, as chuvas faltam nos primeiros meses "Outubro e Novembro,, o gado é obrigado a acorrer aos grandes cursos de água, em cujas margens, o pasto abundante, é devorado em poucos dias pelas inúmeras manadas que ali se juntam, "bravias e domésticas,,. Após o que, os pastores regressam com as suas manadas às matas e, desde então, passam a percorrer diáriamente mais de uma dúzia de kilometros para virem ao Rio e novamente regressarem aos pastos.

Alguns pastores, os mais madraços, cuja nostalgia do lar os vence, passam a fazer este trajecto de dois em dois dias, sofrendo os animais todos os inconvenientes da falta, ou escassez de água.

O gado, atravessando assim a quadra sêca, com tôdas estas precárias condições, abate muito, podendo salvar-se apenas, com as primeiras chuvas.

Se estas vêm lentamente, embora com trovoadas sêcas, o gado melhora rapidamente.

Se porém, chegam torrencias, acompanhadas de grandes descargas eléctricas, o gado mais enfraquecido cairá, para difficilmente voltar a levantar-se.

O outro aquele que está em condições de resistir, logo após os primeiros quinze dias de chuvas, começa a mostrar melhor pêlo e até mais energia, notória, na sofreguidão com que come, e procura o tenro pasto.

Se as chuvas de começo, são seguidas de prolongada estiagem, que se estenda por mais de dez dias, e que o capim verde murcha, o gado cai num novo estado de enfraquecimento pois que, difficilmente volta a pegar no capim sêco que as chuvas e o calor fizeram apodrecer. Teremos então a deplorar uma verdadeira hecatombe na mortandade que se dá nas manadas, pois que, o capim novo e murcho, provoca enterites e diarreias que dia a dia aumentam o seu enfraquecimento, deixando as vacas de ter leite para as crias que, esquecidas, acabam por morrer de fome, "abandono este que só um estado deplorável de magreza provoca.,,

Estes desarranjos intestinaes, a que os pretos dão o nome de múkhi, provoca nos animais em qualquer época do ano um tal estado de fraqueza que, quando os não mata, deixa-os arrastados por muito tempo.

A falta de chuvas no ano de 1914, segundo cálculo feito elevou a mortandade dos gados do Distrito da Huila, a 70 %.

Também, em 1928 e ainda em 1932, as mesmas faltas de chuvas, ocasionaram em determinadas regiões uma mortandade de 40 %.

No ano passado, (1935) calculámos que, nas regiões onde estas menos abundaram, essa mortandade se tenha verificado em 30 % no gado ali existente.

As chuvas do começo do ano foram poucas, agravando esta situação a circunstância de terem sido espaçadas e as primeiras da nova época, (fins de 1935) terem vindo também muito atrasadas e muito irregulares.

O gado, assim combalido, em consequência de todos os motivos apontados sofreu muito na sua vitalidade orgânica, facto este que se reflectiu na sua reprodução anual. E, como exemplo flagrante do que citado fica, temos o caso que se deu em 1932, cuja criação "Natalidade,, só reapareceu em globo no ano de 1934.

A época sêca, estende-se até Outubro se, o ano fôr bom de chuvas e estas embora prejudiquem muito o gado, dão a compensação dos pastos emquanto que a geada e o frio mirram os animais, cujo estado é agravado com a parca e espaçada alimentação própria da época.

As primeiras trovoadas têm sobre o organismo de todos os animais assim enfraquecidos, a influência de verdadeiras descargas eléctricas.

E o gado assim enfraquecido pelas condições pauperrimas da quadra que atravessa, é vencido pela falta de forças que, lentamente o vai prostando até ao ponto, de já se não levantar.

É então chegado o martírio do bom pastor que, passará a ter de o levantar tôdas as manhãs no curral, no pasto e já na água.

Porém, se este estado de coisas tende aumentar, não há forças que lhe bastem para suportar tamanho tormento. Se é vencido pelo desânimo, então não escapará nenhum



dos seus animais debilitados; uns por não mais se terem levantado, outros por terem caído à água ao decedentarem-se e ainda muitos outros por terem ficado na campina, onde as inúmeras mátilhas dos pequenos carnívoros não perdoam os indefezos.

Até certo ponto todos estes males podem evitar-se; mas para tanto, também necessário se torna a intervenção inteligente do homem que com a prévia antecedência lhes prepara e proporciona condições da resistência orgânica, fugindo-lhe de momento, com tudo quanto possa representar horas jejuadas, esgotamentos ou reacções físicas.

Neste capítulo muito mais teria para dizer, entrando na parte puramente técnica; mas, entendo que o não devo fazer, deixando, a César, o que é de César.

## Currais

Uma das questões que devia merecer também a cuidada atenção dos Criadores de Gado, é a dos currais; conhecidos no idioma regional por "Sambos"; e que constituindo por assim dizer, uma medida de conforto para o bom repouso que todo o organismo carece; e que as mais rudimentares condições de higiene exigem em benefício da saúde que dá a vida, a todo o animal; Deviam obedecer quando não mais, pelo menos às condições de asseio e abrigo.

Este princípio vamos buscá-lo à própria natureza, "à selva", aos animais bravios. De que exemplos mais nos podemos servir para demonstrar a falta de asseio e conforto relativo, no seio do seu habitat?

São grandes os ensinamentos que a natureza nos oferece na sua imponente grandiosidade; muitos dos quais, só não aproveita a falta de estudo, ou de discernimento.

De um modo geral, nas grandes e pequenas criações de gado, nomeadamente as particulares, o que o gado tem para o repouso e defesa da noite é o denominado curral. Recinto, na maioria dos casos circular, feito com galhos, ramos de árvores, ou espinheiras que, qualquer indivíduo pode atravessar, sem, muitas vezes ter necessidade de os desviar.

Estes Sambos, devido à sua fragilidade, são frequentemente assaltados pelas feras, que à noite os transpõem com grande comodidade, fazendo o mesmo os assaltados que, espavoridos e tocados pelo instinto de conservação, arrombam com igual facilidade, fugindo espavoridos, aterrorizados pela floresta, onde as feras sábidas, aproveitando o pânico que reina entre os fugitivos, sabem inteligentemente tirar o seu partido, conduzindo-os ao lugar mais recondito dos arredores onde o seu assalto, mata tantas quantas cabeças apeteça a satisfação duma gula feroz.

O Sambo, pois, pela descrição feita, é simplesmente um cercado inútil visto que, o gado fica da mesma maneira exposto a todos os perigos das feras e das intempérrias das diferentes estações do ano.

Na época das chuvas transformam-se em verdadeiros lamaçais, onde por vezes o gado anda enterrado até aos joelhos.

Uma manada metida num curral destes, violentamente chicoteada durante todo o tempo duma daquelas noites de chuva torrencial, apresenta-se-nos no dia seguinte, arripiada, caída e até sonolenta.

O calor do seu próprio organismo, foi incapaz de reagir à temperatura de um aguaceiro que durante horas se desencadeou violentamente sobre o seu dorso indefezos e, ao ver-se liberta de tão incomfortável lugar, imediatamente procura sítio alto, enchuto, onde se possa deitar,

deixando aí algumas horas para enfim, recobrar a energia perdida, o que, naturalmente irá prejudicar o seu tempo habitual de pasto.

Na época seca, especialmente nos meses de Junho e Julho, as manadas que vivem em tais Sambos, sofrem da mesma maneira as violências do tempo.

Agora não é com a chuva; é com o frio, é com a geada. Bastará então uma noite destas para que, todo o gado assim exposto ao relento, na manhã imediata se nos depara arripiado, caído, enfim; num aspecto ineludível do mau presagio bem anunciador, de que vai emagrecer; e de que conseqüentemente, vai começar a sua decadência.

«—Doutrina esta, aliás não compreendida, embora apregoada ao lado dos grandes ensinamentos práticos, demonstrados na estação zootécnica do sul pelo seu proficiente técnico e muito ilustre director, senhor doutor Abel Pratas».

## Pastores

Os indígenas das regiões pastoris do Sul, em todo o Distrito da Huíla, são de natureza indolente.

A sua principal preocupação na vida é fugir ao trabalho que, na sua linguagem típica, designam por "serviço". É portanto o serviço o seu grande "Martírio", e ainda o imposto de Ags. 80.00 lançado pelo Estado, o seu eterno fadário e o cipação, (pólicia indígena ao serviço das autoridades) o seu constante pesadelo.

Perante as suas leis sociais, têm apenas dois deveres a cumprir:

1.º Cortar e transportar a madeira para a edificação da sua libata, que será coberta com o côlmo que as mulheres de antemão cortaram e empilharam no local do edifício.

2.º Cortar os arbustos e as árvores que proventura possam prejudicar o desenvolvimento dos "arimbo", cuja agricultura está a cargo das mulheres.

As libatas que constroem, revelam bem a sua índole.

A mulher é a eterna escrava. É ela quem trabalha; quem edifica e enche o celeiro; quem vai à lenha; quem vai à água; quem faz o pirão, etc., e daí a razão porque, mais de 70 % dos indígenas da região têm duas, três e mais mulheres.

Se é rapaz, ainda tentará voluntariamente o trabalho para conseguir adquirir o pano e a manta que lhe darão a facilidade de possuir a primeira mulher. Porém, freqüentemente, recorre ao roubo para conseguir aquele objectivo, procurando para tal, um campo de acção fora da sua região. Uma vez executado o seu plano, refugia-se entre os seus, onde deixou a mulher dos seus pensamentos.

Os mais velhos, aqueles que já têm filhos e cuja respeitabilidade por isso mesmo já se impõe dentro da sua pomposa doutrina, nem sequer com o fim de adquirir vestuários etc., se dispõem a servir no trabalho voluntário, porque, até certo ponto, o desprimor que tal acção representa entre os seus iguais, iria atingir a própria mulher, logo que se soubesse que o marido ausente, andava voluntariamente ao serviço dos brancos.

A mulher, imediatamente escarnecida pelas outras, ou então despeitada pelo procedimento do marido, em breve abandonaria o lar, para recolher a casa dos pais ou parentes, onde ficaria aguardando marido mais brioso. Mesmo que o futuro marido não possuía bens com que possa adquirir-lhe o tradicional pano e respectiva manta,



contentar-se-há com o vestir peles, até que se lhe depare ou proporcione um roubo, talvez de gado, que vendido, lhe renda o produto para aquela e outras despesas.

O roubo é o simbolo da heroicidade e como tal, o que rouba ao próximo merece a admiração da sociedade em que vive e tem juiz às maiores homenagens. "Já nos seus tempos aureos, guerra era sinónimo de roubo.."

São estas as definições da sua mentalidade e daí a razão porque, na generalidade, o prêto selvagem é ladrão.

A categoria do prêto pastor dentro da sua sociedade, o seu valor, os seus dotes morais, tudo emfim que possa ser distinção, resume-se na posse de gado; seja ele, seu ou doutrem.

O essencial é que a sua libata cheire a Sambo: "como dizem.."

Contudo, se o gado fôr de branco, tanto melhor, pois passará a ter o problema da vida resolvido. Estará terminado o seu martírio. O seu fadário deixará de existir, pois que não mais o preocupará o pagamento do imposto ao Estado, que ficará a cargo do patrão. O flagelo dos cipaios também terá desaparecido, porque a autoridade não emprega nos seus trabalhos o pastor do gado dos brancos.

Emfim... entrará na categoria da fidalguia.

Dêste modo, se a sorte bafejou o prêto, passam a ser outros os seus passadios.

Deixa de comer o pirão simples que, até ali, constituía a sua única alimentação, melhorada apenas no tempo das chuvas com a adição de algumas ervas escolhidas.

O leite desnatado e azedado, será o seu manjar predilecto com ou sem o pirão, passará a ser o prato obrigatório de tôdas as suas refeições.

Com a manteiga, untar-se-hão para simbolizar a sua nobreza e aristocracia. "Esta melhoria inaltece a sua categoria.."

Tudo isto afimel, constitue uma forte razão para que, o prêto da região passe a vida a farejar, onde descobrir gado para pastar.

Se o consegue vem recebê-lo com a alegria a transbordar-lhe nos olhos e, nesse momento, as promessas brotam em cachos. Inventa maravilhas para se fazer passar por pastor inegalável, e, para convencer serve-se da fantasia e do enredo, em cuja arte são mestres.

Por fim lá vai com a sua manada para o local que porventura lhe tenha sido indicado.

Raras vezes porém, cumpre com as instruções e ordens recebidas; às quais logo de início sabe fugir, esquecendo assim o compromisso dos seus deveres e obrigações.

Chegado a Libata, a entrada do gado é festejada na companhia de inúmeros convidados. Encetam-se as indispensáveis libações nas quais se esgotam vasilhas e vasilhas de bebidas fermentadas; abate-se uma rez que, na maioria dos casos, é já do gado recebido. Estas manifestações que degeneram sempre numa completa orgia, tem o significado do engrandecimento da libata, representando uma acção "de graças à alma protectora dum parente falecido, a qual é atribuída a contemplação recebida.."

Dançam, cantam, comem e bebem até ao paroxismo da embriaguez, da felicidade, e a libata passou a ter um grau absoluto de consideração.

Com o fim de habituar o gado ao lugar, nos primeiros dias o pastor vigia-o mais de perto, para cedo o abandonar ao seu próprio instinto de alimentação; e desde então, apenas se preocupará com a separação das crias antes das mãis saírem para os pastos. Feito isto, é então sólo o gado que, na maioria lá vai contrariado e desgobernado em busca dos capins.

Se é no tempo das chuvas, rapidamente pastará, para horas depois, com as exigências do estomago satisfeitas,

regressar ao encontro das crias. Se porém, fôr no tempo sêco, embora regresse mais morosamente, nunca vem farto.

As crias só são sôlitas horas depois das mãis saírem dos sambos, por volta das dez horas, nunca antes para não haver o perigo de descobrirem o seu paradeiro mútu. Calculada a hora do regresso ou persentida a aproximação das vacas, o que geralmente acontece cêrca das quatro horas da tarde, são as crias imediatamente procuradas e reconduzidas ao curral, onde permaneceram até à hora do ordenhar, tarefa que o pastor se dedica, sômente depois das cinco da tarde.

Durante tôda à tarde até aquela hora, o pastor entregou-se de corpo e alma, ao luxuoso e pomposo trabalho do agitar das cabaças que, contém o leite mugido na véspera à noite e nessa manhã. Estas cabaças são expostas ao sol durante o dia para azedando o leite, facilitar-lhe a separação da manteiga que se vai acumulando no seu interior, emquanto que o soro é despejado para a sua alimentação predilecta e dos mãis que, a esta hora, engafetados, apresentam as suas vasilhas.

Como consequência dêste abandono, não tendo o gado quem o conduza e preocupado com as crias que deixou no curral, pastará perlo, invariavelmente na mesma direcção, terminando sempre no mesmo ponto; embora o pasto ali se tenha esgotado, não ultrapassará essa área, senão quando nada absolutamente nada, ali tenha para comer, ou então que a indolência do pastor tenha despertado para o guiar para outro rumo.

Êste gado assim cuidado, nunca atinge um estado de gordura que lhe garanta, resistir uma época sêca, quer tenha sido boa ou má de chuvas, a época que a antecedeu.

Além dêste inconveniente, sucede por vezes sem conta, o gado tresmalhar-se lá na mata, onde perdido ou vencido, pela fraqueza, passa a noite exposto ao ataque das feras que o dizima; "facto êste constantemente constatado nas criações da Dongoena.."

Na quadra sêca, quando as manadas entregues ao abandono a que nos vimos referindo, são obrigadas pela força das circunstâncias a irem aos rios decedentar-se, tentadas pelo capim verdejante das margens, ali permanecem, sofrendo amiudadas vezes o ataque dêstes traçoeiros anfíbios, por não terem o instinto de procurar lugares rasos, onde estes bichos não possam atacar.

A acrescentar ao abandono da exclusiva responsabilidade do pastor, há também o do criador que, infelizmente se verifica em vários casos e, mencionadamente no que se cita.

O pastor e o prêto indígena, na generalidade não têm a menor noção, dos seus deveres e responsabilidades. E, daí a razão porque todo o prêto "pastor", se julga com o direito de possuir gado alheio para pastar.

Precisa do leite e da manteiga para se alimentar e do dinheiro para a liquidação anual do seu imposto. Eis tudo: São estas as suas únicas necessidades e, só a última o preocupa.

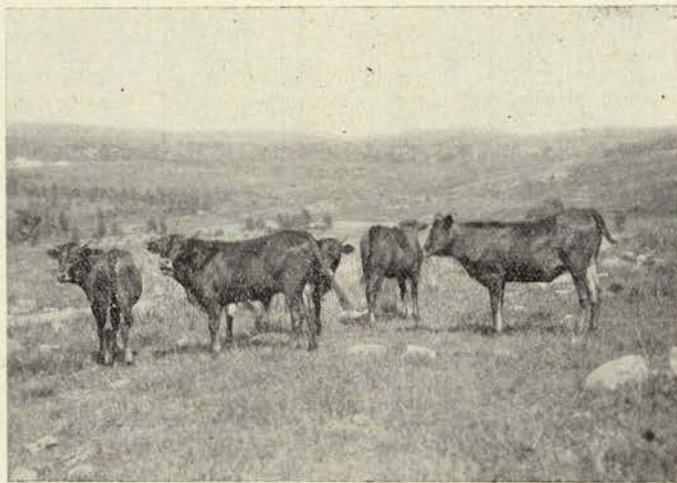
Morre um boi? Não é motivo para perturbações,— Aliás, lá está a sua teoria quanto a gados com a seguinte definição: "Os que nos morrem são nossos amigos.. É a eterna barriga em acção. E dizendo isto está tudo dito.

Constatando-se pois, pelo que ficou dito, que os pastores desta região, são agentes absolutamente nefastos, atenta a sua comprovada ineptia e impredeutibilidade, é mister a escolha de bons pastores, consciô e obedientes. Tal escolha é porém tarefa árdua e só pode ser bem sucedida depois de uma longa prática no estudo das qualidades psicológicas dos pretos "pastores", das diversas regiões, ou, ante o conhecimento pessoal dos indivíduos.

Como resolver então tão intrincado problema, cuja



# ANGOLA



Estação Zootécnica  
da Kumpata

Bezerros "Mirandez"  
e "Gentio"

solução acertada será tão útil para execução de um plano de orientação de pastagens, prévia e inteligentemente delimitada?

De uma maneira única.

Recrutando pessoal de outras regiões e garantir a sua permanência com a fixação de um contrato estabelecido p./i. das repartições competentes.

Este pessoal, amarrado ao seu contrato e ao seu ordenado fixo, receberá e aproveitará os ensinamentos que lhe ministrarmos e cumprirá à risca com todos os deveres que as nossas determinações lhe impozerem, e não procurará a elas eximir-se por nada ter ali que mais prenda a sua atenção.

Não terá ainda a vencê-lo a preocupação da necessidade de fazer companhia à mulher, aos filhos e inclusivamente até à própria libata; portanto será mais dedicado e activo.

Não prejudicará a alimentação das crias com o aproveitamento do leite das mães porque não terá a quem distribuí-lo, e dessa sorte, será então beneficiado o desenvolvimento das crias com uma alimentação abundante, deixando estas de sofrer aquele miserável atrofiamento que redundou sempre num prejuízo notório dentro duma criação.

É bem verdade que, o pessoal angariado nestas condições, virá fazer uma despesa anual de, cerca de 450,00 Afs. que serão rateados pelas setenta cabeças de gado à sua guarda. Mas isso que importa, se, estabelecidos os paralelos, fica demonstrado que este aumento de despesa é sobremaneira recompensado pelos resultados de um trabalho mais profícuo? E, senão analisemos o quadro das comparações:

Dispendido com maus pastores e avaliados os seus consequentes prejuízos:

Imposto a liquidar .....	80,00
Crias que morrem por incúria.....	30 0/0
Idem que são roubadas por negligência e por éles próprios .....	5 0/0
Atrazo no desenvolvimento do gado por efeito de mau aleitamento etc, no período de cres- cimento de cinco anos .....	20 0/0
Mortalidade natural em maus anos.....	7 0/0

Agora consideremos ainda, que o bom aleitamento das crias e os pastos da recriação cuidados, podem fornecer-nos um boi que, dando actualmente 200 kilos num período de seis anos, nos daria um de 220 kilos ao cabo de cinco anos.

A fêmea, que nos dá uma cria aos 4 anos, ou 4 1/2 anos dar-no-la-ia, um ano mais cedo.

Fica sobejamente demonstrada a conveniência da orientação alvitrada.

## Raças e cruzamentos

Melhoramentos introduzidos e a introduzir no gado bovino que actualmente possuímos.

O tipo de gado gentio, anca aguçada, chifres enormíssimos, espetados num corpo de franzina complexo, já não existe em percentagem superior a 20 0/0. Este importantíssimo melhoramento deve-se aos boérs, que, nestas regiões introduziram raças apuradas da África do Sul em especial a «*Africander*» quando há quarenta e tal anos, para a Huila emigraram.

Esta raça foi noutros tempos preparada, "no Sul da África," com o fim especial de se conseguir o boi ideal para tracção.

Aliada à sua corpulência—pois que o boi «*Africander*» atinge em média 300/350 kilos, tem esta raça as seguintes características:

Pernas altas, tochadas—anca musculosa, "conjunto que faz lembrar o talhe dum calção à Chantylli," cabeça adelgada, sustentando astes finas—corpo de linhas esbeltas—côr lisa, avermelhada ou preta,

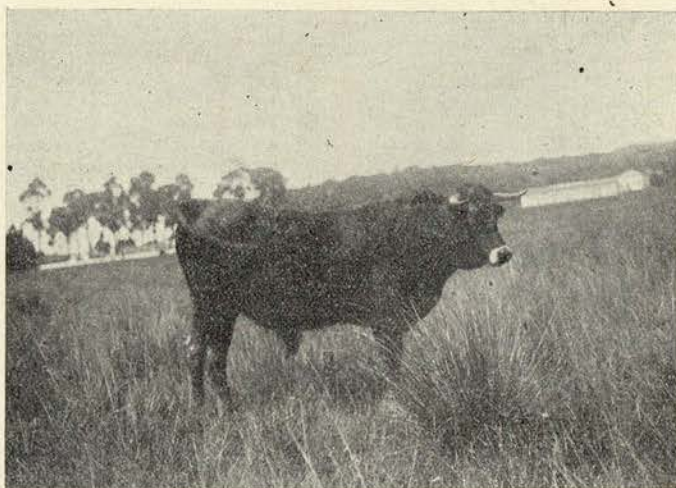
Fez-se correr que, esta raça foi oriunda dos cruzamentos com a «*Gunga*».

Porém opiniões abalizadas, dão-nos esta raça como descendente do nosso boi alentejano.

As características já citadas, há ainda a juntar a qualidade principal do «*Africander*», que é a da sua rusticidade não igualada por nenhuma das raças até hoje aqui introduzidas; o que dele inegavelmente faz um animal de fácil adaptação no clima das regiões dos nossos estudos



## ANGOLA



Estação Zootécnica  
da Kumpata  
Touro "Mirandez"

Há outras raças bem nossas conhecidas, tais como a «*Hertford*» e a «*Xerolera*» introduzidas há cerca de seis anos pela Companhia de Mossâmedes, mas que até hoje, possivelmente por falta de orientação, não deram ainda aqueles resultados que nos poderiam conduzir a uma conclusão entusiástica sobre as suas qualidades e nos demonstrassem possibilidades de atingir-se satisfatoriamente à finalidade para que o gado é criado.

Há alguns anos foram também introduzidos, alguns reprodutores; exemplares da raça «*Mirandesa*», que se perderam como consequência do estado de abandono em que todos os criadores têm as suas criações, e, ultimamente veio para a Estação Zootécnica do Sul—Hum-pata—um lote de gado desta raça, cujos cruzamentos de estudo com o gado genético dentro daquele estabelecimento e ainda nas criações particulares, com reprodutores ali adquiridos, nos vêm revelando condições muito semelhantes à do «*Africander*».

Vamos, portanto, buscar o «*Africander*» já conhecido, ou o «*Mirandesa*» único que, dentre as raças ultimamente importadas, mais têm satisfeito a nossa esperança.

Segundo opinião nossa, que oficialmente nos foi pedida e que, como tal, oficialmente foi submetida ao muito criterioso saber profissional de SS/ Exs. os Srs. Almeida d'Eça e Abel Pratas, os cruzamentos deste boi com o gado regional,—n'impote q'—são de ótimos resultados. Apresentam-se-nos bois com o osso grande do «*Mirandesa*» tochado pela roliça camada muscular do boi regional.

São meios sangues que, bem orientados numa recriação, facilmente atingiriam uma média de 500 kilos aos cinco anos. (O que seria ótimo para aquilo que temos).

Bem sabemos que, nem uma nem outra destas raças, são aquelas hoje especialmente indicadas para o corte, mas se levarmos em conta que, até à data as experiências tentadas no Sul com as grandes raças para carnes, (há já bons seis anos), nada de satisfatório nos têm demonstrado, em resultados de reprodução e aclimação, melhoramos o que temos de regional com aquelas raças que, indubitavelmente já deram provas decisivas.

Evidentemente que, nem ao de leve, é nosso intuito querermos significar com a nossa opinião, que os estudos

com as grandes raças de carne, não devam prosseguir-se feitos por quem de direito, que, aos seus conhecimentos técnicos, pode aliar o capital necessário para o desenvolvimento de tais experiências.

## Gado para comércio de exportação

Sendo este um dos capítulos interessantes das empresas de criação de gado, vamos dar também sobre ele algumas notas dos nossos estudos e sobre ele fazer algumas considerações que obedeçam aos conhecimentos que possuímos.

É ponto assente, que a preocupação máxima dos actuais criadores de gados deste Planalto, na sua maioria, é a de conseguir bois com o peso necessário exigido pelas condições de exportação.

O sistema adoptado é porém, de condições tão irregulares, obedece tão pouco aos primeiros convenientes que, impossível tem sido, chegar-se a um resultado satisfatório.

Porque será que, à semelhança do que fazem todos os exportadores de outros países, não seguimos nós o critério geralmente adoptado para este fim, e que a prática alheia, tem demonstrado ser o de mais seguros resultados? Tão perto temos nós, os ensinamentos nos nossos vizinhos da África do Sul. Porque não sujeitamos a um tratamento especial o gado que destinamos ao comércio, epílogo de lódas as variantes da criação de gados?

O gado manadio de quatro a cinco anos, com o peso médio de 170/180 kilos, chega ao seu destino com prejuízo quasi certo, para tanto contribuindo, não só a falta de preparação conveniente, como também o sistema que se emprega para a sua transferência das regiões de criação para o Litoral. Esta deslocação, que obriga o gado a um percurso durante o qual, mercê de uma organização desconexa, às vezes falta água e não raras vezes é deficiente também a alimentação, é quasi sempre efectuada em marchas forçadas, às quais frequentemente se sucede uma viagem de combóio, cujos movimentos obrigam o gado a aritros desconhecidos que o apavora e acaba por nêle



provocar um estado atrabiliário extremo. Para completar esta odisseia o seu desespêro tem de se haver ainda, com o barulho e as manobras apavorantes de um guindaste, que o inça para bordo dum navio, cujos balanços passarão a ser os seus tormentos. As violências destes tranques que se sucedem sem interrupção até chegar ao seu destino, são factores que contribuem desmedidamente para o insucesso das nossas exportações de gado e poder-se-iam evitar com uma orientação eficiente, modelada em princípios convenientes que, finalmente, são os adoptados pelos grandes exportadores doutros países que evidentemente mais empreendedores do que nós, têm a auxiliá-los a longa prática de quem sabe quantos resultados colhidos em experiências e estudo à que conscientemente se dedicam antes de se abalançarem ao lance final.

É evidente que estes animais, verdadeiros filhos da selva, que vivem em regimen essencialmente selvagem, serão de natureza espanadiços e para o asseverar, basta apenas dizer que, qualquer homem branco e até a sua própria roupa os afugenta-os.

Atravez de período de emoções a que estão submetidos desde que são apartados das manadas até que desembarcam, a sua preocupação única é a de recuperar a liberdade, pouco se prendendo com a alimentação de que apenas se servem quando muito acossados pela fome. De tudo isto resulta que, um boi, saído do estado selvagem em boas condições de carnes, chega ao destino, magro e estrupiado, apresentando-se com o aspecto deplorante que dá origem à sua desvalorização. Porém se esse mesmo boi, a partir dos dois anos, fôr sujeito a um regimen mais cuidado de preparação elementar para que passado um ano, possa entrar noutro mais efectivo com arraçamentos de feno à noite em mangedouras, até que, a poucos meses do embarque, entre um novo regimen complementar de alimentação, com adiconamentos de farinhas, sal etc., esse boi já mais habituado ao convívio do tratador, assimilará muito maior facilidade os tratos de uma viagem convenientemente preparada para evitar os estenuamentos e assim, na ocasião de ser vendido, acusará pelo menos um peso de 20 a 30 % superior ao que teria atingido no regimen primitivo que é o do abandono em que actualmente vive, sem contar com 10 % de perda de peso que, sem dúvida alguma, a falta de domesticidade ocasionaria.

## Organizações administrativas

Como consequência na inobservância de princípios essenciais, tem havido e há ainda muitas empresas de criação de gados, onde nunca a prosperidade imperou, onde será difícil alcançar uma fase de progresso compensador e que, finalmente, são dominadas por uma marcha atterradoramente retrogressiva, cuja origem, só pode ser atribuída à escassa orientação da sua organização em serviços administrativos e suas derivantes. Estas empresas e muitas mais de outro género, erram e peçam mais, justamente nas deliberações mais melindrosas, para a solução dos problemas de carácter principal para o seu desenvolvimento.

A parte mais melindrosa, a cuja orientação deveria presidir o mais escrupuloso critério é a menos considerada e, apreciada talvez até, como pormenor de insignificante monta.

Esta particularidade é a da escolha de pessoal dirigente, devidamente habilitado, para exercer com consciência profissional, as funções que lhe são distribuídas.

É este o motor absoluto de cuja afinação depende o bom ou mau funcionamento dos serviços em geral.

Eis qual o ponto sensível de quasi todas, senão de todas as organizações, quaisquer que elas sejam e que, no campo da actividade de que nos ocupamos, é de culminante importância, averiguado que, dessa escolha dependerão na sua quasi totalidade, os bons ou maus exitos da organização. Temos visto na generalidade que os prediçados do individuo, quanto a saber profissional, constituem uma característica pouco exigida, quando é certo que deveria ser razão principal de admissão, a soma de conhecimentos absolutos para o bom desempenho de determinadas funções dentro das atribuições relativas, considerando que, esses prediçados, seriam a garantia indiscutível de bons empreendimentos.

Porém, não tem sido seguido este critério que prejudicando-se muitas vezes a finalidade, de uma empresa, em benefício do interesse particular, nas chamadas, "apadrinhadelas,."

Esta verdade é violenta, é rude; mas, é a verdade. Nestas condições, se se desprezam as conveniências de um fim determinado, para se servirem interesses de ordem inteiramente particular, recaindo então a escolha do pessoal dirigente, em individuos incompetentes, nada de bom é possível esperar-se.

Estes cometimentos que desgraçadamente se observam vezes sem conta, (preferir o experiente, o homem de conhecimentos, que tem dado provas do seu valor e competência para beneficiar à apadrinhadela de um inapto) têm sido o esteio da derrocada de muitos empreendimentos.

Os contemplados, que são irresponsáveis, estas anomalias, — ou porque queiram fazer acreditar que sabem, ou porque queiram realmente trabalhar, poderão ter muito boa vontade de acertar. Os resultados da inexperiência contudo far-se-ão sentir a breve trecho, e toda a sua boa vontade não impedirá que, encetando o trabalho sem a menor parcela de conhecimentos, cometeu autênticas barbaridades no exercício das suas funções quer julgando agir com acerto, quer tentando experiências para colher os ensinamentos que jamais possuíram.

E, não obstante todas estas tropelias, quantas vezes, não é agravada a Direcção de determinados serviços, com a nossa velha mania de remodelar, substituir e fazer disparetes que jandos, que muitas das vezes não têm uma finalidade definida?

Acontece que, muitas vezes, o inapto que entrou a dirigir determinados serviços, sem a mais pequenina noção das suas funções, chega ao fim de certo tempo de dedicação e persistente estudo, embora à custa de muito sacrificar, dismantelar e errar etc., terá adquirido uma certa dose de conhecimentos que, a pouco e pouco irão aumentando, até que chegam a um grau de adiantamento mais ou menos seguro.

É então que surge a tal velha mania da substituição. E, sem se atender aos interesses da finalidade, a substituição efectua-se na maioria dos casos para pior, porque muitas vezes acontece ser também inexperiente o substituto.

Claro está que, os erros que haviam sido cometidos pelo primeiro e consequentes desastres, voltam a repetir-se muitas vezes com maior intensidade, conforme o maior ou menor grau de fúria de que o novo dirigente é possuído e assim se vai andando até que, quando a lembrança do dirigente prático, do homem experimentado que orienta com consciência os seus trabalhos, acode a todos os cerebros, as condições já péssimas e a ruína se não é manifesta, é eminente.

Surgem depois sem interrupção as consequências de todos os maus tratos e erros anteriores, que se manifestam



imperdoavelmente e o homem do saber, que sabe orientar com conhecimentos de causa, os seus trabalhos, mas que não conta com as consequências de um passado de barbaridades, miserável e ruidoso, é então colhido de surpresa ao ver prejudicados por efeitos anteriores, os planos que o seu saber orientou.

Quando há a sorte de não se lembrarem da sua substituição constatado o fracasso das suas medidas, agirá de pronto, mas levará tempo imenso a averiguar causas, corrigir erros, definir situações etc., etc., até que possa chegar a um resultado são. E, quando do seu esforço e do seu saber resultou regressar tudo à normalidade, esse homem está cansado, moralmente abatido e fisicamente esgotado.

E assim, somos, infelizmente, em tôdas as nossas organizações o que bem justifiqueu o atrazo lastimoso e a deprimente finalidade de muitas das nossas empresas.

Que se consinta a um incompetente desempenhar uma função, fiscalizado por um especializado experiente, um conhecedor que o oriente e o adextre e lhe desenvolva os conhecimentos à medida que os for adquirindo é, até certo ponto, natural e portanto tolera-se.

Que se apadrinhem individualidades de reconhecida competência está certo e admite-se.

Investir determinadas funções de responsabilidade a indivíduos cujo valor profissional é desconhecido e apadrinhar incompetentes que serão forçosamente uns bárbaros no desempenho das suas funções, é um erro crasso, é tudo quanto pode haver de mais revoltante e contra-productente.

Com este capítulo, queremos significar que, para boa regularidade de serviços, estas organizações devem ter como mentor principal, dentro do raio da sua principal acção, um técnico, um homem de comprovada competência profissional praticamente demonstrada, possuidor em fim daqueles conhecimentos que o imponham como garantia incontestável de um valor que imprimirá uma orientação conscia e eficiente à direcção dos seus serviços.

A falta de compreensão deste princípio, a sua não adopção como medida eficaz, é que tem sido o grande mal, o verdadeiro, o único mal natural que tem arruinado as nossas empresas.

E enquanto este erro crasso persistir, nada teremos de eficaz.

É isto o que há de mais racional, de mais verdadeiro, e de mais certo, e é este o critério que, sob este ponto de vista, as grandes organizações necessitam seguir.

## Conclusão

Ao finalizar estes apontamentos, é nosso dever esclarecer ainda, que, como o título o indica, eles não constituem um trabalho desenvolvido acérca dos estudos que temos feito.

São apenas notas soltas, ligeiramente coligidas e ordenadas, e até talvez o prelúdio de um trabalho mais amplo que propomos organizar no futuro, se, para tanto, tivermos tempo e paciência.

# Chá Li-Cungo

Qualidade Extra-fino

Companhia da Zambézia

PORTUGAL COLONIAL

# QUESTÕES ETNOGRÁFICAS

DOS

## Indígenas da nossa África

Alguns trabalhos escritos não exigem do leitor mais do que uma hora de ócio empregada a passar a vista sobre as letras. São, creio eu, os trabalhos mais perfeitos porque não carecem de transformação para serem assimilados.

Não é desta natureza o trabalho que apresento. Por isso espero a colaboração do leitor.

Estudei os costumes dos indígenas não assimilados das nossas Províncias Ultramarinas de África de uma forma absoluta. Pretendi descrever o costume em si abstraindo a sobrecarga pesada e inútil para o conhecimento do público de nomes de povoações ou de tribus que a maioria dos leitores certamente não conhece. Também não illustrei as descrições com termos indígenas, pois que o mesmo costume tem vários nomes segundo o local. Adoptei o vocábulo que me pareceu mais conhecido.

De uma coisa se defenderá o leitor: a generalização. Pois que desejando apresentar o maior número de práticas, aqui descrevo tôdas de que conheço a existência neste ou naquele local, sem que por forma alguma elas se verifiquem em todos os territórios abrangidos pela nossa África. Há até costumes absolutamente opostos dentro de populações de origem homogénea. Divergências ocasionadas pela catequização mussulmana, pela maior ou menor proximidade dos centros de exploração ou urbanos ou das costas marítimas e ainda pela interpenetração de costumes estranhos. Assim não se concluirá que seja falsa a citação de dois costumes contraditórios e antes se deve admitir a existência de ambos mas entre povos diferentes ou por aquelas causas diferenciados.

Também alguns costumes citados só são postos em prática iludindo a vigilância da autoridade como a indemnização em pesos, por exemplo. Não demonstram estes costumes inferioridade de raça, mas unicamente atrasada civilização. Na história dos povos que hoje se arrogam o título de civilizados, encontram-se costumes de uma semelhança flagrante com os que aqui descrevo. E não é difícil encontrar destes, alguns vestígios, ainda hoje.

Se alguma censura pudesse conter este trabalho, ela cairia em grande parte sobre o colonizador.



## União dos indígenas, relações de afectividade conjugal, de pais para filhos e as destes entre si

Só dois casos se nos deparam em que à mulher é dado manifestar-se sobre o matrimónio. No primeiro é consultada pelo pai acerca do pretendente que se declarou, enviando a êste pequena dádiva; no segundo ela própria faz a declaração. Parece que se apercebem do exotismo dêste costume pois que o pretendido deverá manifestar em público os seus bons desejos de ligação com a declarante.

De uma maneira geral, porém, o casamento efectua-se pela combinação directa ou indirecta, do dote, entre o pai da pequena e o noivo.

Êsse dote é expresso das formas mais variadas como cabeças de gado bovino, peças de fazenda, etc.; mas tende a ser substituído por dinheiro. Citaremos dois exemplos desta operação:

O pretendente pagará a procura da noiva e depois: «conversaço», «bôca», «conversaço», «remoção de obstáculos», «mimos à sogra», «mimos ao sogro», «mimos à noiva», «gratificação ao medianeiro», «dote», «entrega da noiva», «cobertura ao medianeiro» e «última cerimónia».

No outro sistema negocia-se o dote depois de entregue o preparo e aceite a proposta pela rapariga começando por reduzida base de licitação. O representante da noiva mostra-se indignado. O primeiro faz novo oferecimento. Cada intermediário elogia o seu representando e deprime o do oposto à medida que o dote oferecido se aproxima em lentos progressos do nível, aliás já, por êles, bem conhecido. Então manifestam grande alegria. Passados dias há uma festa na moradia da noiva. O pretendente é hospedado mas não terá relações íntimas com aquela. Quando voltar à sua residência mandará então pedir a mulher. Recebe-a com uma grande festa e ao sogro com uma avultada quantia de dinheiro. Aquela durará até se esgotarem os víveres e os líquidos e mal ficará o noivo que deixe de a manter por vários dias. Passados mais alguns sobre o fim do extenso banquete uma mulher de idade vai convencer a noiva a dormir com o prometido. Ela

então exige mais dinheiro para presentear tôda a família.



A satisfação destas exigências parece uma prova de amor da parte do pretendente que chega a emigrar para fazer face a tôdas aquelas despesas.

Em vários lados efectua-se o casamento por troca.

Será de natureza amorosa o sentimento que intervem na união de um adulto com uma recém-nascida ou com poucos anos de idade? (1).

E quando a escolha se efectua baseada nas provas de fecundidade? Apreciam principalmente as mãis de filhas.

Há mesmo casos em que a escolha não existe resultando a união de circunstâncias estranhas à vontade de qualquer dos nubentes. É o facto das viúvas casarem com o herdeiro do defunto marido, porque afinal fazem parte da herança. Também nos casamentos infantis não se pode admitir escolha.

É raro o rapto mas se alguma tentativa se verifica são severos «para quem comeu o fruto e cortou a árvore». Alguns fazem um simulacro de rapto à mão armada apresentando-se o noivo e mais rapazes na residência da noiva que o pai e os seus fingem defender.

No que respeita ao amor conjugal devemos fazer uma distinção entre aquele que o homem poderá dedicar à primeirã mulher e o que dedicará às que se lhe seguem.

É a primeira que superintende nos serviços domésticos e depois de ter concebido tem direito a comer com o homem. A sua palhota é a residência oficial daquele. Por vezes escolhe as outras companheiras do chefe de família e até ao primeiro filho é a única.

As outras são de uma forma geral animais de procriação e elementos de trabalho.



Antigamente vendiam os filhos e tinham sobre êles o direito de vida ou de morte.

Hoje, porém, poupam-nos a trabalhos violentos, mandam ensiná-los e não os abando-

(1) Neste último caso só dormirá com o marido "para se acostumar".



nam salvo nos casos em que usam remeter os rebentos de quatro anos para a avó ou ainda quando esteja estabelecido o agrupamento das menstruadas numa residência privada.

Se quisermos determinar um traço característico, por mais geral, da forma como consideram os filhos, diremos que eles constituem um bem material. (1) Os do sexo feminino representam um dote e os do sexo oposto valem como trabalhadores ou como guerreiros.

Todos, qualquer que tenha sido a mulher que o tenha dado à luz, gozam de iguais direitos.

Os filhos adulterinos são propriedade do marido de quem os gerou, salvo num caso que chegou ao meu conhecimento com a etiqueta de raríssimo em que são entregues ao verdadeiro pai.

Há até um povo em que sendo os direitos da comunidade mais fortes do que os dos particulares, os filhos pertencem á da mulher, sendo entregues aos tios maternos. A estes dirígirão as suas queixas tôdas as pessoas

que por aqueles forem molestadas incluindo os próprios pais.

Estamos, porém, perante uma excepção porque em geral o marido é o chefe incontestado da respectiva família. A sua autoridade só é repartida pelas mãs e unicamente no que respeita aos filhos pequenos. É interessante notar que esta autoridade se mantém, regra geral, sem sevícias, quer relativamente às suas mulheres quer perante os filhos. Estes mesmo depois de casados guardam-lhe respeito e obediência, podendo dizer-se que um homem com filhos casados é o supremo chefe da sua e das famílias por eles constituídas.



O único autor em que encontrei referências ao assunto diz ser o amor fraterno mais intenso de irmãos para irmãs do que destas para aqueles.

(1) Uma excepção: entre alguns povos a mulher só casa aos trinta anos e até aí aborta.

MOÇAMBIQUE



Plantação do Tabaco





# Página literária

---

**E**RA nos tempos antigos, tempos mesmos muito antigos, mais remotos que o avô do meu avô, assim quando o mundo apareceu. Nessa época a Terra era nova e bonita, estava muito alta, tal qual como a lua, a morar juntinha das estrélas. Por isso

os bichos do sertão, nesse antigo tempo, casquilhavam de espertos, cresciam finos como o azougue, e falavam língua de gente, o que era uma maravilha. Enfim, cala-te bôca que eu não gosto de enredos e murmurações; mas sempre hei-de dizer que faz mingua terem-se os bichos arrevezado no falar, para nos entendermos todos como se torna preciso, e não andarmos em guerra por uma mão cheia de couves. Agora só os homens têm lábia e parece certo que os macacos também se explicam por bôca; mas a macaria é finória, enrola o mais pintado, e nem por portas travessas se lhes apanha palavra. Quando conversam é à socapa, entre os amigos, para despistarem o branco e esquivarem os impostos.

Já naqueles anos havia chuva e dias cinzentos. Num desses dias mortiços que car-

*Do livro de  
Maria Archer,  
recentemente publicado,  
transcrevemos:*

## O leão, o elefante e o lebre

lado nem do outro havia palmo de terra enxuto onde se pudesse passar, inda que fôsse aos pinotes. E a chuva pinga, pinga, a cair, a cair, a cair. Aquilo era como que um mar a subir e a descer.

O lebre, a mulher e o filho vinham da festa, todos triques à beirinha, com farpela nova—cabaia de goma, muito branca e bordada, colete de seda, cofió dourado (1). Lá iam marchando e aguentavam a chuva no costado, chuva cada vez mais grossa e mais basta, que empapava em torrentes as lamas, que impedia o regresso rápido, o repouso no concheço do lar, no buraquinho sêco e seguro da lura onde se afofava limpo, fresco e macio capim.

Salto aqui, salto ali, queda dum lado, es-

ream doenças ao coração, dia sem luz e a modos aborrecido, houve banquete e batuque de funerais em casa de um ricoço. Foi convidada tôda a malta das redondezas, sem se olhar ao tempo e às lamas, que alastravam em pântanos entre os altos capins. Nem dum

(1) Traje de luxo na África Oriental.



corregadela do outro, lá iam seguindo avante com as farpelas a estragarem-se que era até uma pena ver-se.

Numa volta do caminho escancarou-se-lhes em frente a abertura do covil do leão, muito concertado de cómodos. Por sorte estava vazio; o proprietário girava no passeio. Tentaram-se do abrigo, do conforto de sacudirem o pêlo, de retomarem alentos antes de voltarem às fúrias do aguaceiro.

A gente não é de ferro, está visto...

—Mulher, disse o lebre, vamos, por um instantinho, alapar-nos naquele palácio. O leão saiu à vida, porta aberta dá entrada franca, nós somos gente de paz, e não me cheira a perigo...

E avançaram.

Mas na entrada o lebre plantou-se de olhos abertos, atalaiando o caminho, orelha vira, vira, a colher rumores, nariz fungando ferozmente, a tentar o furor da chuva e a ver em que paravam as modas. Eis que loabrina ao longe, muito pachorrento, o leão, de seu vagar a demandar a pousada, sem que a chuva ou o lamaçal lhe fizessem frenicoques.

—Aí mulher! bradou o lebre em tremuras, estamos perdidos! Aí está o leão, vai-nos comer aos três! Valham-me todos os santos da côrte dos céus! Venha para aí uma ideia, que por ela até dou a camisa! Quem me acode! Quem me acode!

E de repente chegou a ideia, sem dizer por onde vinha.

—Mulher, disse êle, chega a roupa ao pêlo do nosso filho! Dá-lhe rijo! Ao que eu te perguntar responde-me que êle tem fome. E dessembaraça-te, berra com gana.

Logo a lebre bateu no filho como uma desalmada, picada pelas ganas da aflicção. O lebrisco desatou num alarido tamanho que ecoou na floresta, berraria que nem de bôca de avantesma.

Com a voz mais estrondosa que espremeu do arcoaboiço o lebre perguntou assim:

—Mulher, porque chora o nosso filho?

—Ora, chora porque tem fome, respondeu a lebre, a armôr vozeirão.

—Descansa, filhinho, lançou em berros o lebre, vem aí o leão no caminho, eu vou esganá-lo numa volta de mão, e tu verás, chega-te o manjar para o apetite.

Ouvindo estes discursos, o leão sentiu meter-se-lhe no peito um coração de galinha. Pernas para que vos quero, galga, galga, devorou léguas pelo mato fora como se o per-

seguisse a água dum rio a crescer ou o fogo duma queimada a avançar. E ainda agora estaria na galopada se não encontrasse na clareira, muito sereno e firme, o grande, sábio, pacato e ponderoso elefante, que para dois dedos de conversa lhe jogou à mão.

—Onde vais tu com tanta pressa, amigo? perguntou o elefante. Não há neste tempo de águas, fogo de queimada correndo atrás de nós. Que raio de bicho te mordeu?

—Deixa-me cá com a minha vida! Tu sabes lá o que se passa! A gente julga uma coisa e sai-lhe outra, respondeu o leão. Está metido na minha casa um monstro ou o diabo por êle, que pela fala até parece o Rei dos Trovões. É quiz matar-me, para encher a cova dum dente do filho. É bem de ver, eu puz-me a cavar; porque sou apenas o Rei dos Anímaís e não passo dum João Ninguém ao pé dum Rei das Maldades Furiosas, que é cavaleheiro de alto lá com o charuto!

—Tu bebeste de garrafa, disse-lhe o elefante. Olha que eu ando pelo mundo, e conheço a floresta desde que estas árvores velhas nasceram, e nunca dei de cara com semelhante sacripanta. Amigo ver para crer, vamos passar isso a miúdos. E vá com sorte se me espantarem a mim, que sou tão velho e nada vejo na vida que já não cheira a bafio...

E foram os dois, muito decididos.

Logo o lebre os viu, trupe, trupe, a cortarem o caminho para casa do leão, e desta vez foi-se das pernas abaixo. A tocar castanholas na dentuça disse à mulher, que já batia com a cabeça pelas paredes:

—Tosa no filho, mulher, chega-lhe com brio! Grita a botar os bofes, rapaz!

Bumba, bumba, deram-lhe muitas, e o miúdo fez banzé, a rebentar os bofes com a chiada.

—Mulher, porque chora o nosso filho? perguntou o lebre, urrando com tôdas as veras da alma.

—Ora, chora porque tem fome, respondeu a lebre, a fazer das tripas coração.

—Ora filho, também que despropósito, continuou o lebre a urrar, eu já mandei o leão buscar o elefante, chucha no dedo um bocado que vem aí carniça para a vontadinha.

E logo aos rebolões, vá de abalar, o sábio, pacato e ponderoso elefante, de orelha

(Conclue na página 23)



# DA IMPRENSA

## IMPRENSA ESTRAN- GEIRA

# T R A N S

**A**S razões invocadas pela Itália para justificar a sua entrada na guerra contra a Etiópia, deram lugar na Graú Bretanha, a uma discussão, que continua, sobre a oportunidade que haveria, se se efectuasse uma nova repartição de territórios coloniais, ou então, unicamente, uma distribuição melhor de matérias primas tropicais. É a favor desta segunda medida, que se pronunciou em Outubro de 1935, diante da S. D. N. Sir Samuel Hoare, quando sugeriu a ideia de se realizar uma "investigação limitada aos produtos dos territórios coloniais", em vista da "livre distribuição desses produtos pelos países industriais que precisam deles, de maneira a afastar todo o receio de exclusão ou de monopólio". O secretário de Estado para os negócios estrangeiros, acrescentava que a Grã-Bretanha estaria disposta a tomar parte em toda a tentativa colectiva para resolver o problema duma forma eficaz e justa.

Abertamente contrário a uma "redistribuição", territorial no que diz respeito ao Império Britânico, Lord Ingard tinha mostrado que o "contrôle", dos vastos territórios de África, tinha por origem, não uma política de conquista, mas de aceitação, por vezes involuntária, de responsabilidades que não podiam ser banidas, tendo assumido o encargo de estabelecer a ordem nesses territórios e de os defender, a Grã-Bretanha não tinha em geral, concedido a igualdade de tratamento para todos aqueles que estavam dispostos a respeitar as leis locais e os interesses das raças indígenas; o ideal do mandato, tinha-se tornado cada vez mais, o princípio dirigente da política britânica. Não podia pois, ser questão de abandonar a outros as partes do Império Britânico, sem mostrar uma completa indiferença pelos direitos das populações e pela execução dos contratos efectuados pela Grã-Bretanha.

Uma viva sensação tinha-se produzido nos meios coloniais britânicos, no decorrer duma campanha eleitoral, pela declaração, num discurso pronunciado em Brighton, dum candidato trabalhista, M. Herbert Morrison, que propunha "tornar a pôr as colónias britânicas na S. D. N., que as administraria seguindo o sistema de mandatos dirigidos pela própria S. D. N.,

M. Malcolm Mac Donald, então secretário de Estado para as colónias, condenou este desvio de linguagem, declarando que as populações das colónias, não deviam ser tratadas como simples objectos das quais se podia dispor sem ligar importância aos seus desejos, e acrescentando que se essas populações fossem consultadas, elas exprimiriam na sua grande maioria, o desejo de ficarem subditos da coroa britânica.

Pelo seu lado, M. Lloyd Georges, pronunciava-se pouco depois, a favor dum novo exame dos mandatos e do "contrôle", pela S. D. N., do bem-estar dos indígenas das colónias, isso sem levar em conta os seus desejos.

O "Crown Colonist", pediu às altas personalidades, a sua opinião, relativamente à sugestão de M. Herbert Morrison; M. Amery, antigo ministro das colónias, declarou que as suas ideias são totalmente opostas às do deputado trabalhista. Lord Clivier, chama a atenção dos seus amigos do Labour Party, sobre este ponto que, salvo os habitantes das colónias preferirem ser governados por outra potência colonial europeia, nenhuma razão moral poderia ser invocada a favor da sua transferência. O facto duma nação reclamar a sua soberania, não lhe parece uma justificação e acrescenta: "Não podemos deixar de reconhecer a igualdade

comercial desses nacionais com a dos nossos, nesses territórios... Não que diz respeito aos territórios sob mandato, não cre que o princípio do Convénio segundo o qual o Governo se deve inspirar, antes de mais nada, nos interesses dos indígenas, seria melhor observado em caso de substituição dos mandatários actuais, duma nova potência mandatária, a Alemanha por exemplo. Não cre também, que os interesses dos indígenas das colónias britânicas seriam tomados em consideração, se estas estivessem colocadas sob mandato... Pelo seu lado, Sir Heskett Bell, antigo governador das colónias, pensa que as principais potências se negarão a aceitar uma proposta do género da de M. Morrison, mas que alguma coisa se fará para assegurar a todas as nações, um aprovisionamento equitativo e livre em matérias primas essenciais.

(Conclue na página 23)

PORTUGAL COLONIAL

# COLONIAL

## CREVE-SE

## IMPRENSA PORTU- GUESA

### O papel da nossa mulher na obra colonial

**D**IGNAM-SE, com a sua presença, realçar o brilho e o valor desta sessão a esposa do Chefe do Estado e Vossas Excelências, minhas Senhoras. A mulher portuguesa foi sempre a companheira dedicada e afectuosíssima dos que nas colónias trabalharam um Portugal maior.

Bastará lembrar essa grande figura de mulher portuguesa que é a Senhora D. Maria José Mousinho de Albuquerque, que não se dispensava de acompanhar seu marido aos campos de batalha, onde se reservava o papel tão lindo, tão doce e tão feminino de cuidar dos feridos e de orar pelos mortos.

É preciso ter estado em África para poder avaliar em sua justeza a influência da mulher no sertão—rasto de luz a baptizar almas em flor.

A mulher que acompanha o marido, ajudando-o na sua ardua tarefa, com desvelos de mãe, suavizando-lhe, com o seu amor constante, as saudades da terra natal, inculcando-lhe, com a sua simples presença, coragem e esperança, nos momentos de desânimo, que não poupam por vezes os mais fortes e tenazes—e ninguém como os portugueses têm mostrado que o são—essa mulher, que é a mulher portuguesa, deve a nossa escola de colonização a nota de simpatia e ternura pelo indígena que é outra sua característica distinta e individualizadora.

É por isso que eu não dispense nunca a presença das Senhoras em qualquer realização colonial.

A obra ingente, ainda longe de terminada, que Portugal iniciou junto da mulher indígena, há-de ser por nós levada a cabo, antes de qualquer outro país colonial, graças aos tesouros inexauríveis de carinho e de bondade das mulheres dos nossos colonos.

É-me, pois, particularmente grata a vossa presença, minhas Senhoras, porque a sessão de hoje, sem a vossa comparência, padecerá não só no seu brilho, mas também em seu valor simbólico.

E agora, Senhor Presidente da República e meus Senhores, que os saidei e agradei a vossa generosa presença, é tempo de lhes dizer a razão da iniciativa do Ministério das Colónias, ao promover esta série de conferências de alta cultura colonial.

Como a razão, quando logra substituir a fé, causa a

perdição da alma do indivíduo, a economia, como sucedanea do ideal, arruina as virtudes da Nação.

### A nossa maravilhosa acção no Ultramar

Só a fé pode dessedentar a vossa alma ansiosa de imortalidade, que não a razão: assim também as materialidades não respondem à necessidade de a nação eternizar a sua obra colectiva.

Eu quero para as colónias do meu país finanças desafogadas, economia florescente, mas sobretudo os primores da cultura portuguesa.

A nossa maravilhosa acção colonial tem sido e é uma obra de toda a nação, guiada, conduzida, empurrada pelos seus melhores valores mentais.

Ortega y Gasset chamou, creio eu, a Grande Transgressão à intromissão nas actividades da vida pública dos homens de pensamento.

Traição—lhe chamou Julien Banda.

E, contudo, o que seria a história do Mundo sem essa intromissão!

Sem a colaboração íntima, fecunda dos homens de pensa-

mento e dos homens de acção, sem a projecção da ideia sobre a realidade concreta Portugal nunca teria sequer iniciado a sua acção colonial, apoteóse de um povo heróico, orgulho desta nação nimbada de glória, cujo fruto é o presente magnífico de ter dado ao Mundo novos mundos.

Foi a conjugação da ciência com a noção do pensamento com a combatividade que tornou possível toda a nossa esplendorosa obra colonial.

Como bem pergunta o prof. Hernani Cidade nas suas "Lições sobre a cultura e literatura portuguesa", já se pensou na própria vantagem duma União Nacional facilitada pela mesma circunstância de estreiteza dos nossos limites, onde mais pronta podia ser a obediência ao Chefe e a convergência da totalidade dos valores de um escol, que foi admirável?

Essa União Nacional de todos os valores da Grei reflectia o pensamento sobre a acção, que, por sua vez, estimulava o pensamento.

Basta lembrar que Pedro Nunes, cosmógrafo do Reino

### Uma bela e patriótica iniciativa

## Conferências de alta cultura colonial

Transcrito de "O Diário de Notícias,"

PORTUGAL COLONIAL



escreveu o seu tratado da Esfera no intuito de servir a navegação e descobriu a curva loxodrómica por virtude de dúvidas apresentadas por um marinheiro—Martim Afonso de Sousa.

E D. João de Castro, nos seus Roteiros, ao deparar-se-lhe uma incerteza, não hesita em escrever: "Fique a dúvida para o Dr. Pedro Nunes,."

Garcia de Orta investiga para curar e cura porque, desprendendo-se do método livresco e das sugestões da autoridade dos antigos em moda no seu tempo, se debruça sobre a natureza, enriquecendo a ciência com o produto das suas descobertas.

### O milagre da expansão portuguesa

E foi assim que se tornou possível o milagre português—a ampliação desta estreita faixa atlântica no Império, que, ainda depois de tantas vicissitudes, é o nosso mais forte orgulho e a nossa mais acarinhada esperança.

Sem a conexão do pensamento com a acção levada a efeito entre nós o Renascimento e o Humanismo corriam risco de degenerar, como nos tempos em que Alexandria recebeu a herança do mundo clássico, em inúteis lucubrações de gramáticas ou em voluptuoso cultivo de belas formas, por uma aristocrácia gozadora e amável, isolada na sua torre de marfim, sem outra função social que criar, sobre a miséria comum, a ilusão de um esplendor, artificial como tudo o que não mergulha raízes profundas na vida.

E o século de quinhentos não seria então, como Taine lhe chamou, o maior da História.

O que caracteriza o mundo moderno, diz Ouglielmo Ferrero, é o alargamento dos limites que a antiguidade condenou invioláveis.

E—ninguém como nós realizou esse alargamento em extensão e em profundidade.

Dobrámos o Cabo Não e transformámos o Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança.

E de então até hoje, na obra colonial, não mais houve Oceanos que não avassalássemos, Cabo Não que resistisse às nossas arremetidas, Cabo das Tormentas que se nos não antolhasse como transmutável em Cabo da Boa Esperança.

E tudo o que fizemos é o magnífico resultado da aliança da cultura e da acção; tudo o que realizámos foi projectado por homens de selecção—embora executado pelo povo, sob o comando de grandes chefes.

Hoje, como outrora, temos um grande Chefe—Salazar—que sob a égide do venerando Chefe de Estado sr. general Carmona, conduz a Nação, com calma firmeza, à realização dos seus mais altos destinos históricos.

E hoje, como outrora, a Grei sente que, com ela, o escol dos valores intelectuais vive em estreita aliança na realização do mais alevantado objectivo nacional.

Tenhamos sempre presente que a experiência demonstra, sem deixar possíveis ilusões, que as classes que deixarem de desempenhar função socialmente útil estão condenadas a desaparecer.

A tarefa intelectual que não sirva na verdade um alto interesse colectivo é destinada a inevitável falência.

Escolas ou grupos, ensimesmados na contemplação embevecida da própria obra, isolados da utilidade social de criar, fazem trabalho de suicídio porque traem deveres a que se não pode fugir.

Eis porque meus senhores, eu solicito para a nossa obra colonial os intelectuais da minha Terra.

Desejo que eles desempenhem a função social que lhes cabe, que eles cumpram integralmente o dever nacional que lhes incumbe—e é de primacial importância.

Acorro, pois, nos intelectuais da minha Pátria para que se compenctrem, inspirem e difundam uma mentalidade imperial.

### A conveniência de formar uma elevada mentalidade imperial

Espero que os melhores da minha Terra, pela inteligência e pelo saber, tenham a propagandeiem a mentalidade que convém ao Povo português—a mentalidade imperial.

Portugal vai do Minho a Timor. É o que se encontra consagrado no artigo 1.º da Constituição Política da República.

Assim, tão portuguesa é a mais humilde cubata dos sertões da nossa África como Pôrto, Coimbra, Lisboa ou Macau.

É este o princípio fundamental da idea imperial portuguesa.

O nosso génio colonial, criou, com a sua experiência multi-secular, uma escola de colonização original, a que já várias vezes, hoje, tenho feito referência.

Para compreender a nossa escola é indispensável ter sempre presente o princípio fundamental que a norteia e informa—o princípio de unidade nacional, que engloba, num todo uno e indivisível, a Metrópole e as Colónias.

Desta idea-mater da unidade portuguesa decorrem, logicamente, os métodos da nossa acção colonial.

Uma escola colonial caracteriza-se em primeiro lugar pelas relações que preconiza entre o povo colonizador e o povo a colonizar.

Em perfeita lógica com o princípio básico já enunciado, a nossa política colonial é declaradamente a da assimilação.

Nós queremos elevar até nós as populações indígenas—porque elas pertencem a um todo homogéneo, que é Portugal.

Em contraposição à política de segregação adoptada por outros países coloniais, não criamos barreiras intransponíveis entre as populações nativas e nós próprios, antes, ao contrário, com elas estabelecemos um íntimo contacto, isento de preconceitos.

Nos planaltos de Angola eu vi o espectáculo, para outro, que não fôsse português, escandaloso, de crianças brancas brincarem fraternalmente com crianças pretas, sob as vistas benevolentes das mães.

Não temos preconceitos de raça—porque todos somos portugueses, seja qual fôr a parte do território nacional em que tenhamos nascido. E os indígenas das nossas colónias sabem-no perfeitamente, porque somos nós os primeiros a ensinar-lhes este axioma.

Estou-me lembrando de uma canção que entoavam os nossos soldados landins que estiveram na Exposição Colonial do Pôrto e que começava:

*Eu sou português*

Ensinámos a nossa língua aos indígenas porque ela é o instrumento maravilhoso de que todos os portugueses se devem servir para entre si comunicarem as suas ideas. Desta maneira, a difusão da língua portuguesa pelos indígenas faz parte, logicamente, da nossa política de assimilação, como o ensino dos seus idiomas próprios, com exclusão do ensino do idioma do povo colonizador, é regra adoptada pelas nações que praticam a política da segregação.

Desejamos que todos os portugueses pudessem ter



iguais direitos e obrigações, e assim é que aos indígenas já civilizados abrimos de par em par tôdas as carreiras, incluindo a eclesiástica.

Ensinámos aos indígenas a nossa religião, porque não reservámos só para nós os benefícios da verdade.

Respeitamos no indígena a sua dignidade humana. E porque éle tem uma alma igual à nossa, desejamos a sua salvação—por isso o baptizamos e o fazemos entrar na nossa igreja e lhe franqueamos os nossos templos, onde, ajoelhado ao lado dos portugueses brancos, implora para a Pátria comum a protecção do Deus verdadeiro.

Respeitamos no indígena a sua dignidade humana, disse já.

E é este um dos mais belos corolários do princípio informador da nossa escola de colonização.

É em virtude dêsse respeito; é porque tratamos os indígenas como homens, susceptíveis de serem iguais a nós; é porque conseguimos trazer já à civilização cristã muitos indígenas, que conquistámos o seu amor, que logramos fazer pacificamente respeitar a soberania portuguesa em todos os nossos domínios, onde conservamos forças militares deminutíssimas.

Já D. Francisco Manuel de Melo dizia, nos seus "Apólogos dialogais", que "onde força há—direito se perde".

### O amor dos portugueses a Portugal

Portugal não precisa da força para se fazer respeitar dos seus nacionais, qualquer que seja a sua raça—porque todos lhe querem com acrisolado amor.

Eu tive ocasião de ver, numa mina de ouro, em Joanesburgo, a 1.800 metros abaixo da terra, o orgulho patriótico com que um preto de Moçambique me respondeu, na nossa língua: "Eu também sou português.."

É este amor que a nossa política de assimilação cria nos indígenas que faz com que os pretos portugueses no Congo Belga manifestem os seus sentimentos lusíadas, diante do nosso consulado, quando, erradamente embora supõem a Pátria comum em perigo, como aconteceu ainda há pouco.

É ainda em obediência ao mesmo princípio que rege a nossa política de assimilação que tratamos da higiene e saúde dos indígenas, não porque eles são um valor económico mas porque eles são homens.

E podem Vossas Excelências crer que o preto percebe a diferença.

E, por outro lado, porque Portugal é todo o mesmo, constituindo uma unidade, nós encontramos na África e na Ásia portuguesas as famílias brancas da Metrópole, não envenenadas pelo sentimento do exílio, mas, ao contrário, fixadas como poderiam estar em qualquer outro ponto do território nacional, que lá se sentem, como de facto estão, na sua terra.

A escola colonial portuguesa também formula princípios de ordem económica, logicamente harmonicos com o princípio basilár que a domina.

Formando o território nacional um todo único, a economia colonial tem de ser complementar e não conconrente da metropolitana.

Devemos tender para formar um bloco económico.

Mas se Portugal é um todo, conforme o princípio basilár atrás enunciado, os produtos coloniais têm de ser tratados em igualdade de consideração com os produtos metropolitanos, visto todos serem produtos portugueses.

E é assim que de facto procedemos, pondo, em igualdade de circunstâncias, à disposição do mercado mundial todos os produtos da nossa indústria e da nossa agricul-

tura, quer metropolitanos quer coloniais, que o consumo interno do País pode dispensar.

Mas o que não logramos compreender é que se queira fazer para os produtos coloniais especificada distinção, como certos princípios recentemente postos em circulação inexplicavelmente reclamam.

Cada país possui um certo número de produtos apenas, tendo que ir comprar ao mercado mundial aqueles que não tem e de que carece.

Portugal não tem ferro, não tem carvão, não tem muitos outros produtos que lhe são indispensáveis e que vai comprar ao mercado mundial, onde os países que os possuem os colocam, tal como nós fazemos com os produtos de que podemos dispor, quer êsses nossos produtos sejam da metrópole quer sejam das colónias—porque em qualquer caso são produtos nossos, produtos de Portugal, como indivisível.

---

## Fôlha de Informações Comerciais da "Casa da Metrópole" em Lourenço Marques

Editada pela «Casa da Metrópole», de Lourenço Marques, recebemos a sua primeira fôlha de informações comerciais, referida a Janeiro de 1936.

Os seus fins, di-lo o artigo editorial: «No desejo de tornar conhecido no meio comercial, industrial e agrícola de Portugal e do seu Império Ultramarino, as muitas informações que se dispersam em revistas, jornais, etc., que, duma maneira geral, não chegam ao conhecimento senão de um ou outro interessado, resolveu a «Casa da Metrópole» em Lourenço Marques editar uma «Fôlha de Informações» em que serão coordenadas algumas notícias de carácter económico, julgadas de utilidade. Com a publicação desta fôlha tem igualmente em vista a «Casa da Metrópole» apresentar alvites, sugestões e indicações, sobre tudo o que possa interessar as actividades económicas nacionais, para melhoria e intensificação do intercâmbio comercial entre a Metrópole e as suas colónias, e nestas entre si».

Embora se possa dizer que a publicação de informações económicas é a menor das coisas que as Casas da Metrópole têm que fazer, há que felicitar o sr. capitão José Rebêlo por não a ter esquecido. Prova-se assim que o Director da «Casa da Metrópole» de Lourenço Marques está trabalhando e diligenciando acertar.

Esta fôlha de informações de-certo vai aperfeiçoar-se para bem todos que dela precisam em Moçambique e na Metrópole.



Tanto se tem falado nestes últimos cinquenta anos, do perigo amarelo, sem o ver, que se acabou de falar nêlo. De facto, a eventualidade duma invasão na Europa, pelas tropas vindas da Ásia, não tem probabilidades de acontecer antes de muitos séculos. Mas o que é certo, é que o Japão está em vésperas de ser o dono do Extremo-Oriente. Ainda que não estejamos em foco, ainda que a Indo-China não seja talvez atingida pela expansão japonesa, esta não nos pode deixar indiferentes? É evidente que vai além dos limites do necessário. É a decadência da raça branca que se prepara, ou é iminente a ascensão duma raça amarela capaz de tratar de igual a igual, reservando para si, cada uma, uma parte do globo?

As potências da Europa e da América, saberão entender-se para formar a tempo, por meios pacíficos um desenvolvimento exagerado que constituiria uma ameaça para os seus interesses actuais e multiplicaria os riscos duma guerra futura?

Talvez estas pensem no enlanço, que essa expansão, enquanto se exercer no Norte da Ásia Central, opõe uma barreira útil aos progressos do comunismo soviético:



A Comissão das Colónias da Câmara, recebeu do seu Presidente, conhecimento da resposta do Ministro das Colónias, as resoluções que linha votado com respeito aos vencimentos dos funcionários públicos coloniais. M. Outrey insistiu de novo, nas cruéis consequências da supressão de indemnização de câmbio, que fere unicamente os medianos e pequenos funcionários, numa proporção, que daria entre 30 a 40 %.

A Comissão encarregou o seu Presidente de insistir junto do Ministro das Colónias, para a realização das próximas reformas e, adoptou uma moção indicando o verdadeiro carácter de penalização e inadmissível desigualdade que constitui a medida suprimida aos funcionários locais que servem nas suas colónias de origem, o direito de gozarem a sua licença na Metrópole.



A hora actual, na A. O. F., mais de 10.000 pessoas foram tratadas pelo método do Dr. Laiget. Nenhuma dessas pessoas teve a febre amarela depois de tratadas. A vacina foi bem suportada. Por outro lado, em vez de três inoculações sucessivas que foram de princípio julgadas necessárias, foram reduzidas a uma só, o que torna o processo muito mais simples e eficaz.

(De la Quinzaine Coloniale).

## O problema colonial resolver-se-á outorgando concessões aos particulares

Pelo Dr. Edgen Stern—Rubarth

N. da R.—O Dr. Stern—Rubarth, era até há pouco tempo redactor chefe da Agência Wolff, entidade semi-oficial alemã.

A penetração japonesa na China septentrional, a campanha italiana na Etiópia e os protestos alemães contra a possibilidade dum embargo nas suas exportações, são outros tantos obstáculos no caminho, de que Sir Samuel Hoare, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros de Inglaterra, denominou "redistribuição de matérias primas", na sessão efectuada em 10 de Dezembro último, na S. D. N.

"Matérias primas," é quasi sinónimo de "colónias," desde que as duas terças partes das matérias primas indispensáveis para as indústrias, estão fora do alcance das três nações acima mencionadas e que a metade, talvez, só se pode adquirir nas regiões puramente coloniais, que, para o assunto do qual nos ocupámos, estão sob o domínio duma ou duas das grandes potências.

Estas matérias poderiam, em caso de guerra, ou de simples comoção política interna, serem negados aos países que precisam delas, arruinando assim a sua vida económica. Entre estas matérias primas e produtos, figuram alguns tão essenciais como o ouro, o níquel, o cobre, o mangane, o estanho, o zinco, a bauxita, a lã, o algodão, os azeites vegetais, o petróleo, o mineral de ferro etc, etc. Nalguns países, estes produtos existem em abundância e nada lhes seria mais grato do que desfazerem-se dos excedentes, visto que há quem deite o café ao mar, quem empregue o trigo e o milho como combustível, quem destrua os excedentes de algodão, quem abandone a borracha nas selvas, e até, quem sacrifique as vacas para utilizarem os seus corpos como adubo.

Mas estes excedentes, não podem ser comprados a menos que se aceite—em troca deles, produtos manufacturados. Por esta razão, o problema das matérias primas, converte-se em problema financeiro e especialmente monetário.

As três nações mencionadas no princípio, foram as últimas a lancarem-se na conquista das terras virgens e, por este motivo, estão em situação marcadamente desfavorável, se as comparamos com a Inglaterra, França e os Estados Unidos—e até com as pequenas potências colonizadoras como a Bélgica, a Holanda e Portugal.

Agora que se principiou a tomar em consideração o problema, depois de que o Japão e a Itália infligiram a S. D. N., amplas e resonantes derrotas, ao tomar por sua própria conta a solução do conflito, a questão colonial converter-se-á, pela força, no tema número um da ordem do dia internacional.

A Alemanha já deu conhecimento da sua tese. Os discursos pronunciados por alguns dos principais personagens das cidades hanseáticas, pelo Dr. Josef Goebbels, Ministro da Propaganda e finalmente, pelo chanceler-presidente Hitler, expozeram claramente o seu manifesto: a Alemanha exige a sua parte. Falta agora saber se as reivindicações germânicas, compreenderão tôdas ou simplesmente algumas das suas antigas colónias imperiais, cuja extensão era seis vezes maior do que o Reich, ainda que o seu povoamento branco fôsse só de 28.000 habitantes,



em 1913. Também não se sabe, que forma preconizará o Governo de Berlim, se pedirá que se estabeleçam mandatos ou se proporá outra forma mais moderna de acesso aos produtos naturais das regiões em questão.

É curioso sublinhar que há uns doze ou treze anos, um grupo reduzido de alemães previdente, no qual figurava o actual Ministro da Fazenda e Presidente do Reichbank, Dr. Schacht, preparou um acôrdo tendente a "colonização imperialista". A tese que este grupo propunha indicava a criação de companhias exploradoras similares à das Índias, às quais, se entregariam certas zonas, situadas de preferência na África e que estão actualmente sob o domínio doutras potências.

A solução proposta não afectava, pois, a nacionalidade das colónias. As companhias colonizadoras estabeleceriam vias de comunicação, escolas e ocupar-se-iam em alcançar mercados para os produtos etc, etc.

Se este projecto podesse ser ampliado, concretizado e pôsto sob os auspícios duma autoridade internacional competente, a paz do mundo, ficaria estabelecida sobre uma base mais sólida.

(Do "Blanco x Negro.")

## O leão, o elefante e o lebre

(Conclusão da página 17)

murcha e proa achatada. O leão foi-lhe na peúgada, sem ganhar para o susto. O elefante corria, corria, e dizia com os seus botões:

—Que esperteza, hein? Mandar o leão buscar-me com papas e bolos! Isso é que ele a sabe tóda! É de marca maior, esta grande alimária!



A gente precisa de ter os olhos muito abertos, concluiu o contista. Quem é pequeno não pode com uma gata pelo rabo, não tem fôrça nas pernas, não tem fôrça nos dentes, mas tem fôrça no osso da cabeça, e enquanto o diabo esfrega um olho engana os grandes e lhes diz que o milho é capim...



La Fontaine colheria nos negros fontes inesgotáveis de fábulas inéditas. Na prosopopeia gentilfica variam dos dêle personagens e cenário, e a lebre ladina desbanca a comadre raposa, e a selva não desbobra planos aconchegados. Mas a ideia persiste na mesma igualdade e o sentir brota das mesmas emoções. São lampejos da alma humana, irmã em todos os homens. única, eterna, e sem côr.

## O problema colonial sobre o plano internacional

(Conclusão da página 18)



As propostas Laval-Hoare, para a solução pacífica do conflito italo-etíope, das quais se conhece a sorte infeliz, forneceram à Grã-Bretanha, um novo elemento de discussão.

Numa carta dirigida ao "Times", Sir Evelyn Wrench, a propósito do projecto relativo à constituição no sul da Etiópia duma vasta zona de expansão económica e de povoamento reservado à Itália, expõe que, se se quiser evitar uma coligação dos povos de côr e um choque, entre eles e os europeus, as nações europeias deverão renunciar a considerar a África central e tropical—estando excluídas as zonas temperadas do Mediterrâneo e da África do Sul—como um novo campo de exploração económica e de emigração branca numa vasta escala. Esta opinião é partilhada por Lord Ingard, que, num artigo no "Times", constata que a África tropical está povoada por uma raça prolifera, e que a população das terras cultivadas é bastante densa, o que deixa pouco lugar à colonização europeia.

Por seu lado, Sir Daniel Hall, perito em agricultura, expõe que a África tropical, possui uma população indígena que aumenta consideravelmente, que já acha insuficientes as terras postas à sua disposição, e declara, que não há lugar para a colonização branca.

Sir Evelyn Wrench, acha que para o futuro, o único sistema possível de governo europeu nas populações indígenas das colónias tropicais, principalmente em África, será o mandato, isto é, um sistema de governo colectivo, viagiado pela S. D. N. Preconiza para este efeito uma conferência das potências coloniais, devendo a Grã-Bretanha no seu parecer dar o exemplo.

Para o caso de ser precisa uma nova atribuição de mandatos, Sir Evelyn Wrench, aconselha adoptar os princípios seguintes:

- Não transferir territórios sem a aprovação dos indígenas;
- Completa liberdade de consciência e de imprensa e igualdade de raças nos territórios transferidos;
- Não recrutar indígenas, pois o recrutamento de indígenas deve ser limitado;
- Com excepção dos direitos fiscaes para o sustento dos serviços essenciais, igualdade comercial para todos os membros da S. D. N., sob reserva dum acôrdo sobre as condições de trabalho nos países concorrentes, a fim de impedir o "dumping", por parte das nações, tendo um nível inferior de existência.

Sir Evelyn Wrench, concluiu declarando, que os Impérios que têm possessões tropicais, devem praticar uma política de associação com as populações africanas, quando elas são capazes de progresso, e crê que a era dos "Domínios Negros, (Brown Domínios) se aproxima.

A tese de Sir Evelyn Wrench, foi criticada por um jurista colonial eminente, Sir Georges Maxwell, que contesta a oportunidade duma transferência no que diz respeito à Grã-Bretanha, pois nas colónias da coroa, os súbditos britânicos não são beneficiados com nenhuma vantagem em relação aos estrangeiros. Por outro lado, considera que não há nenhuma probabilidade em que o exemplo da Grã-Bretanha, seja seguido pelas outras potências coloniais: a Itália, cuja "fome colonial", é a causa



da guerra actual; a Holanda, para a qual a possessão do seu Império das Índias Orientais, faz parte do prestígio nacional; a Espanha e Portugal, cujo orgulho nacional as leva a conservar os vestígios da sua antiga grandeza colonial; a França, cujos princípios e prática de colonização consistem em ensinar aos indígenas das suas colónias a aspirarem a tornar-se dignos cidadãos franceses.

Sir Georges Maxwell, pensa por consequência, que a ideia do mandato é "surannée," tendo sido já substituída pela ideia da associação. "Em cada colónia britânica, declarou êle, os sentimentos da população são patrióticos para com o seu próprio país e para com o Império Britânico. Os indígenas pedem a introdução dum sistema de associação logo que estiverem preparados para êle, e acham que a política britânica deve ajudá-los a obtê-lo."

Respondendo às objecções de Sir Georges Maxwell, Sir Evelyn Wrench exprime claramente a vantagem dum acôrdo entre as potências colonias, tendo em vista o governo das colónias, que, seguindo os princípios do mandato faria desaparecer uma das principais causas da fricção entre nações. É preciso observar que desde a guerra, e sobretudo desde a conferência de Otawa o regime preferencial desenvolveu-se cada vez mais no Império Britânico, e que as importações britânicas são beneficiadas por uma preferência sensível em muitas colónias. Por outro lado, acha que, se a Grã-Bretanha se declarasse disposta a governar seguindo os princípios do mandato, aquelas das suas possessões que não estão ainda amadurecidas para o "self government," as outras nações deveriam tarde ou cedo seguir o seu exemplo. Constata com satisfação que as colónias britânicas estão preparadas, para desempenhar o seu papel de associadas no Império. Mas não vê porquê os métodos pelos quais foi editada uma federação que compreende uma quarta parte da população do mundo, não poderiam ser alguma dia applicadas à humanidade inteira.

Pelo contrário, Sir Frank Swettenham, considerando que em numerosos casos as populações de côr ganharam muito em liberdade, segurança e bem-estar, com a administração duma potência europeia, declara não compreender a necessidade duma mudança e especialmente dum "contrôle," eficaz da S. D. N. Não acha que a política britânica deva doravante inspirar-se num sistema colectivo e pergunta se outras potências, a França por exemplo, aceitariam essa política. Aliás, Sir Evelyn Wrench, apesar de exprimir a esperança de que as nações "previdentes," deverão declarar-se pró ou contra o sistema colectivo; não acredita que a França possa administrar essa política para os seus territórios coloniais, "que considera como um reservatório do qual pode retirar tropas de côr," (sic).

Emfim, o próprio Lord Luggard, tratou d'êste grave problema em dois importantes artigos no "Times," considerando que a Grã-Bretanha, para a sua parte de sacrifício em vista do regulamento dos conflitos coloniais, não pode encarar a transferência de mandatos ou de colónias, acha que ela deve voltar à sua política tradicional da "porta aberta," nos territórios africanos submetidos ao seu controle. Pede que a Comissão dos Mandatos seja encarregada de vigiar, pela estrita observação da cláusula de igualdade comercial em toda a África Tropical. No entanto, sugere que uma potência colonial seja deixada livre de tomar a sua parte no sacrifício da "porta aberta," por exemplo um remanimento colonial.

Como se vê pelas citações que procedem a eventualidade das concessões coloniais a consentir para regular ou prevenir os conflitos, foi largamente discutida nos meios coloniais ingleses. Nesta ordem de ideias, M. Johan Mellbye, chefe do partido paisano de Noruega e antigo

ministro, acaba de dirigir ao povo britânico, no "Tidens Tegn," de Oslo, um apêlo cuja espontaneidade pode ser calculada pelo feito de se adaptar ao tempo e nos termos, mesmo um pouco muito exactamente igual pelo que podemos ler, nos artigos italianos, alemães ou britânicos. M. Mellbye, solicita o povo inglês a usar dum grande poder para resolver o conflito italo-etíope, considerando que a pressão da população na Itália, e o desejo que a Alemanha tem em reaver as suas colónias perdidas, constituem um perigo para a paz do mundo, declara que o Império Britânico, que possui tantos territórios através do mundo, poderia dar um brilhante exemplo de grande sensatez política, provocando a restituição à Alemanha das suas antigas colónias africanas, e, de acôrdo com a França, reservando territórios próprios para a emigração e povoamento italianos, sob os auspícios da S. D. N. Êle julga que, assim, a solução do problema etíope, seria mais fácil.

(Continua no próximo número)

## Livros e Publicações

Recebemos e agradecemos:

- *Revue des Questions Coloniales et Maritimes*. N.º 468 - 61.º ano.
- *La Traçotta Coloniale*.
- *L'Azione Coloniale*.
- *Rassegna D'Oltremare*.
- *L'Essor Colonial et Maritime*.
- *Boletim do Instituto Nacional de Estatística*.
- *Boletim da Associação Beneficente dos Empregados do Comércio de Luanda*.
- *La Quinzaine Coloniale*.
- *Relatório dos Serviços e Contas da Comissão Municipal de Bolama*. — desde 1 de Junho de 1934 a 30 de Junho de 1935.
- *Gazeta dos Caminhos de Ferro*.
- *Fémina*.
- *Boletim Geral das Colónias*.
- *O Mundo Português*.
- *Revista de Artilharia*.
- *Diogo Cão*.
- *Revista Portuguesa de Comunicações*.
- *O Mercúrio de Portugal*.
- *African World*.
- *Gazeta das Aldeias*.

## Festas comemorativas da Revolução Nacional de 28 de Maio em Angola

O governo da colónia de Angola vai promover festejos comemorativos da Revolução Nacional de 28 de Maio.

O mesmo governo propôs que em Luanda se realize nesse dia uma exposição, na qual se demonstre a actividade desenvolvida na colónia durante a Ditadura, bem como a demonstração da grande obra realizada pela Ditadura na Metrópole, expondo-se para êsse fim as fotografias, gráficos e outros elementos de propagação.



# INFORMAÇÕES DO MUNDO COLONIAL

## Crónica do mês Conferências de Alta Cultura Colonial

**P**OR iniciativa do sr. Ministro das Colónias estão-se realizando actualmente em Lisboa conferências de Alta Cultura Colonial, na sala da Academia das Ciências.

Inaugurou a série o professor sr. dr. Agostinho de Campos, que proferiu uma lição modelar—das melhores conferências que em Portugal se têm feito sobre coisas das Colónias. Transcreveram-na, em grande parte, os jornais diários e acerca dela já os leitores sabem o que precisavam saber.

Igual publicidade teve o magnífico discurso de apresentação do sr. Ministro das Colónias, para que nos detenhemos a fazer-lhe aqui mais largas referências.

O que importa é pôr em relêvo a importância desta iniciativa.

Os assuntos de alta cultura colonial não tinham ainda encontrado entre nós uma fôrça que os movimentasse. E esta falta diminuía o nosso prestígio, reduzia-nos injustamente às proporções dum colonizador acéfalo—um colonizador de felizes aventuras e geniais improvisações.

De-certo a série de conferências que vamos ouvir provará o contrário. Novos estudos, novos elementos de cultura, novo saber, apoiados sobre velhas e novas coisas, defenderão o nosso prestígio de mestre de colonizadores e suscitarão a Inteligência Portuguesa a dedicar-se e a interessar-se por uma Inteligência do Império.

H. G.

---

## Notas do mês

### Cabo Verde

Dada a constituição do solo e das condições climáticas das ilhas de Barlavento de Cabo Verde, vai ser intensificada nessas ilhas a cultura de tabaco com sementes seleccionadas.

❖ Pelo governo central foi regeitado o diploma legislativo n.º 521 e anulada a portaria n.º 1.138 da colónia de Cabo Verde, que, respectivamente, instituía o Montepio Geral de Cabo Verde e aprovava o regulamento do mesmo Montepio.

❖ A Metrópole recebeu durante os meses de Janeiro e Fevereiro das ilhas de Cabo Verde: 291.325 quilos de purgueira, 6.800 quilos de peixe, 4.654 quilos de café, 1.833 quilos de frutas, e 1.062 quilos de peles. (Do "Boletim", do I. N. E.).

❖ Foi encerrada ao serviço a estação postal de Nossa Senhora do Monte, na ilha Brava (Cabo Verde).

❖ Foi instituído nesta colónia o "Montepio Geral de Cabo Verde", destinado a incorporar a "Caixa de Aposentações e Pensões às Famílias dos Funcionários Públicos" e a "Previdente de Cabo Verde", com o fim de praticar várias modalidades de previdência.

### Guiné

Foi autorizado o governador da colónia da Guiné, a utilizar a importância de 500.000\$00, na abertura de um novo crédito extraordinário.

❖ Os agricultores da cana sacarina e os fabricantes de aguardente da Guiné fizeram uma exposição ao governo da colónia, solicitando a prorrogação do prazo do fabrico de aguardente.

❖ O governo da Guiné determinou que a sede da Repartição Técnica dos Serviços de Obras Públicas, Agri-



mensura e Cadastro fôsse transferida de Bolama para Bissau, com o fundamento de que deve esta cidade constituir presentemente o centro de toda a actividade commercial, agrícola e industrial da colónia. Na capital funcionarão, simplesmente, uma secção permanente de Obras Públicas, como delegação daquela repartição.

• Durante o mês de Janeiro passado a Metrópole importou da Guiné 80.510 quilos de sementes de oleaginosas, 1.044 quilos de peles em bruto, e 127 quilos de cera. (Do Boletim da I. N. L.).

## S. Tomé e Príncipe

A Metrópole recebeu durante o mês de Fevereiro, das ilhas de S. Tomé e Príncipe: 378.558 quilos de conoto, 109.441 quilos de copra, 113 quilos de ricino, 122.517 quilos de óleo de palma em bruto, 56.067 quilos de cacau, 21.022 quilos de café, e 22.541 quilos de frutas frescas e secas. (Do Boletim do I. N. E.).

## Angola

Uma comissão composta pelos srs. João Fernandes dos Santos, Manuel Dias e Manuel Eugénio da Costa Ruivo, está tratando em Sá da Bandeira de obter, pelas instâncias oficiais competentes, a liquidação das indemnizações devidas e já aprovadas aos sinistrados da guerra no Sul de Angola.

• Foi inaugurada a estação rádio-telegráfica de Luanda, que fará a propaganda da colónia e a permuta de tráfego oficial com a Metrópole e a colónia de Moçambique, por intermédio das estações de Monsanto, Faro e Lourenço Marques, sendo as chamadas todos os dias úteis, das 18,30 às 19 horas.

• Vão ser reorganizados os Serviços de Instrução em Angola, tencionando o governador abrir novas escolas primárias em diferentes pontos.

• A Associação Comercial do Bié, vai representar ao Ministério das Colónias, sobre a liquidação ao comércio de Silva Pôrto, das antigas dívidas contraídas pela Estação Experimental de Policultura Planáltica do Bié, por fornecimentos feitos.

• Vai ser aumentada a cultura da borracha em várias regiões de Angola, tendo já sido assinada, com a empresa Bata, a concessão de exploração e compra de borracha na Lunda e Bié, concessão esta que, segundo nos consta, será dada, mediante condições, noutras regiões da colónia.

• Foi autorizado o governador geral da colónia de Angola a abrir com as formalidades legais, um crédito especial de 6.000,00 para ocorrer no presente ano económico à aquisição do mobiliário do laboratório, em Vila Pereira de Eça, do serviço de prevenção e de combate à epidemia de peste bubónica no sul da mesma colónia.

• A produção total das pescarias dos associados no Sindicato de Pesca de Benguela, atingiu, no ano passado, cerca de 130.000 malas, das quais o Sindicato adquiriu àqueles 116.576, com o peso de 2.491.280 quilos, no valor atribuído de 2.985 contos.

Exportaram-se para o Congo Belga 61.720 malas, Congo Francês 13.528, Moçambique 545, S. Tomé e Príncipe 12.112, Colónias inglesas do Norte 519; e foram consumidas em Angola 25.861, acusando-se uma existência de 14.000 malas por colocar.

• O governo de Angola propôs a isenção de direitos para o material a importar destinado ao fornecimento de energia eléctrica à cidade de Luanda.

• Os agricultores de Angola pediram a anulação

ou uma grande redução dos direitos de importação de sementes.

• Pela direcção dos Serviços Pecuários de Angola foram adquiridas grandes quantidades de vacinas para gado, que serão distribuídas aos criadores por intermédio das respectivas delegações, mediante requisição passada pelo delegado de sanidade pecuária da região.

• Está sendo estudado o projecto referente ao prolongamento do caminho de ferro de Amboim até Gabela.

• A companhia japonesa "Osaka Ihoson Kainsa," vai iniciar uma carreira em redor do continente africano, que depois de escalar os principais portos da Costa Oriental, tocará no Lobito, seguindo para os portos do Congo belga e francês até Dakar, e dali em direcção à América do Norte, alcançando o Japão pelo canal de Panamá. Espera-se que o primeiro barco, em viagem de experiência comercial, seja o "Alaska Marn.."

• O Conselho de Governo de Angola aprovou por unanimidade, a redução de imposto para o consumo de tabaco, de 0,40 para 0,10.

• Nas principais regiões agrícolas de Angola vão ser criados Sindicatos Agrícolas, abrangendo as respectivas povoações limitrofes.

Foi já proposto que aos Sindicatos sejam concedidas atribuições de fiscalização sobre os produtos agrícolas destinados não só ao consumo da colónia, com a exportação, bem como a escolha de tipos desses produtos e embalagens aos que se destinam a ser exportados.

• Logo que seja pôsto em execução o novo regime de panificação, serão estabelecidas nos principais pontos de Angola, fábricas para a exploração da indústria da moagem e de descasque de arroz.

• O campo de aviação, preparado nos arredores da cidade do Lobito, está quasi concluído e em condições de nele poderem aterrar aviões. O sr. major aviador Pinheiro Correia, quando passou a bordo do paquete "Niassa..", de regresso à Metrópole após o Cruzeiro, visitou-o e observou as condições de terreno que dizem ser boas.

• Uma missão composta por tchecoslovacos adquiriu nesta colónia uma apreciável colecção de especimes da fauna angolana (mamíferos e reptis) que se destina ao Jardim Zoológico de Praga. Os exemplares foram embarcados pelo porto de Benguela num paquete alemão, o "Wangoni..", com destino ao porto de Hamburgo.

• De Angola pedem ao Governo que seja concedida toda a protecção ao tabaco produzido nas colónias e que por meio duma legislação adequada seja de preferência consumido, especialmente, o tabaco em folha na Metrópole e em todos os componentes do Império, pedindo mais a regulamentação da cultura do tabaco nas colónias de África, a exemplo do que se faz no Estado da Índia.

• Ao feijão e ao arroz em casca, meio preparado ou preparado, destinado a exportação e transportado pelos Caminhos de Ferro do Estado, foi concedida uma redução de 40 por cento na respectiva tarifa. Ao milho passou a ser aplicada a tarifa 13-A, com um bônus de 50 por cento.

• O sr. governador geral de Angola abriu um crédito especial de 500.000 angolares, para o combate aos gafanhotos. Este crédito terá como contrapartida igual quantia, a retirar da parte não utilizada no ano económico de 1934-1935, do empréstimo gratuito de 10.000.000 de angolares, feito àquela colónia pelo governo central.

• A "Junta de Defesa da Produção e do Comércio," desta colónia, resolveu solicitar ao Ministério das Colónias, por intermédio do governo geral, diversas medidas tendentes a protegerem, como é justo, a indústria da



## ANGOLA



Benguela  
Soldados atietas

pesca, permitindo-lhe não só conquistar mercados externos, como abastecer os de Angola, onde, de facto podem ter um consumo muito maior.

Está em estudo o problema relativo à exportação de carnes congeladas de Angola, bem como a construção de frigoríficos nos portos de embarque da colónia.

Seguem para Mossâmedes várias raças de animais domésticos destinados à Direcção dos Serviços Pecuários de Mossâmedes.

Segundo comunicação vinda de Angola, foi já encerrada a conta de exercício referente ao ano económico 1934-1935, tendo sido apurado os saldos de 8.857 contos da receita e despesa ordinária, e 4.884 da receita e despesa extraordinária.

A Comissão Administrativa da Câmara de Luanda deliberou concorrer com um subsídio mensal de 2.500,00 angolares para o fundo da Casa dos Pobres daquela cidade, deixando de contribuir, para a Cozinha Económica de Luanda, que, por esse motivo, deixou de funcionar.

Foi adquirido por cerca de 133 contos um terreno medindo 53 mil metros quadrados, no qual será construído o novo Liceu Central de Luanda, cujo projecto e respectivo orçamento já se encontram devidamente aprovados.

O governo desta colónia fixou a data de 15 de Maio, para, nas províncias de Benguela, Bié, e Huíla, se iniciar a compra e circulação de milho da colheita do corrente ano agrícola e da exportação deste cereal pelo porto de Luanda, e casas fiscais do norte e sul.

Foi fixado em 1.363 angolares por tonelada e quilómetro a tarifa a aplicar no transporte de café no Caminho de Ferro de Amboim.

Foi autorizado o governador geral da colónia de Angola a abrir um crédito especial de 327.989,22 angolares para liquidação da dívida da colónia à Compagnie Générale de Ravaux au Congo.

Segundo telegrama recebido de Angola, os colonos ficaram instalados em 4 do corrente nas respectivas fazendas com a assistência do Intendente do distrito de Huambo, administrador do concelho de Caála, director

da exploração e várias entidades particulares, havendo todas as autoridades manifestado a sua admiração pelas disposições tomadas e pelo trabalho realizado. A impressão dos colonos é boa e encontram-se satisfeitos.

## Moçambique

A imprensa de Lourenço Marques diz constar que o Governo português resolveu construir uma nova estrada do lado da sua fronteira, a partir de Machipanda e ligando com a fronteira da Rodésia. Uma estrada partindo de Umtali, do lado norte da cidade - em vez do lado sul como actualmente - ligará com a nova estrada portuguesa.

Foi ordenada uma inspecção aos serviços dos correios e telégrafos da colónia de Moçambique.

Deve ser organizada, brevemente, uma brigada de agrimensores para proceder à demarcação da nova povoação de Bandar, na circunscrição civil da Pemba, distrito de Niassa.

Está sendo levantada a planta cadastral de Lourenço Marques, trabalho que deve ficar concluído dentro de 3 meses.

A Associação dos Proprietários de Lourenço Marques, numa das suas mais recentes reuniões, discutiu a necessidade da criação dum Conselho de Turismo, considerado de inadiável organização, não só para a propaganda da colónia, mas também por se oferecer oportunidade de atrair a Lourenço Marques muitos dos milhares dos visitantes da Exposição Internacional em Joanesburgo. Nesse sentido foi representado ao sr. governador da Província do Sul do Save.

Foi autorizada a Direcção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes a abrir ao serviço público a exploração definitiva do trço Namina-Ribaué, da divisão de exploração do Caminho de Ferro de Moçambique.

Por um diploma oficial, foram estabelecidas em Moçambique, normas para o requerimento, concessão e uso das licenças para instalação de fábricas para descaçoamento e prensagem de algodão.



• Pelo novo regulamento de caça foi fixado com tempo de defeso aos venatórios o período que vai de 1 de Outubro a 30 de Abril do ano seguinte. A ninguém é permitido caçar no território de Moçambique sem estar munido de licença.

• O "Boletim Oficial", desta colónia insere uma portaria autorizando a circunscrição de Marracuene a construir uma estrada ligando Vila Luíza com Lourenço Marques pelo lado marginal. A mesma portaria autoriza a Câmara Municipal a cooperar com a referida circunscrição na construção da estrada e respectiva conservação.

• A direcção do Caminho de Ferro de Lourenço Marques fez uma proposta ao governo para contrair um empréstimo de 60.000 libras, destinado à construção de casas para o seu pessoal. A proposta foi enviada ao Ministério das Colónias.

• Segundo telegrama recebido de Moçambique, apesar das chuvas torrenciais que têm caído e prejudicaram imenso todas as sementeiras das terras baixas, salvaram-se quasi por completo as culturas em terras altas, sendo de prever um ano extraordinariamente abundante em milho e amendoim.

• O governo de Moçambique concedeu à Junta local do Chinde licença para exploração da instalação eléctrica que na vila de Chinde possui, nos termos da legislação em vigor na colónia.

• Foi aprovado um reforço de 3.580.000\$00 às verbas orçamentadas para o Conselho de Administração dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da colónia de Moçambique.

• Segundo telegrama recebido de Lourenço Marques, devido às acertadas medidas adoptadas pelas respectivas autoridades, pode-se considerar quasi extinta, na colónia, a praga dos gafanhotos, havendo, contudo, nalguns pontos, a existência de bandos daqueles insectos. As chuvas torrenciais que caíram há dias muito contribuíram para a destruição em grande parte das posturas dos acridídeos.

• Nos dois primeiros meses (Janeiro e Fevereiro) do ano corrente, a Metrópole recebeu de Moçambique: 3.991.212 quilos de açúcar, 298.666 quilos de forragens, 139.812 quilos de milho, 385.564 quilos de algodão, 34.411 quilos de sisal, 3.042 quilos de peixe preparado, 4.927 quilos de chá, 33 quilos de café, 14.925 quilos de peles em bruto ou preparadas, 19.988 quilos de copra, e 1.000 quilos de mica. (Do "Boletim", do I. N. E.).

• A Câmara Municipal da Beira, tomou entre outras, as seguintes e importantes resoluções: aumentar o imposto urbano de 2 para 4 por cento; lançar um adicional de 20 por cento sobre o imposto de rendimento; cobrar um imposto de 10 por cento sobre o rendimento anual proveniente das carteiras de seguros das companhias de seguros, agências e angariadores das mesmas.

• A Fábrica Nacional de Sedas, de Lourenço Marques, pediu para lhe ser concedido o exclusivo de fabrico de sedas animal e vegetal.

• Tem sido muito discutida em Lourenço Marques uma proposta dum empréstimo, para o Município, de 25.000 contos, em obrigações de 500 escudos sorteados anualmente até ao limite de 35 anos ao juro de 5 por cento pagáveis semestralmente. Uma grande parte deste empréstimo destina-se a vários melhoramentos urbanos e construção de edificio para os Paços do Concelho.

• Foi publicada uma portaria, fixando na importância de 700.000\$00, as despesas a realizar até 31 de Dezembro, do corrente ano, com a missão geográfica de Moçambique.

• A Câmara Municipal de Lourenço Marques, com o apoio do governo de Moçambique, está na disposição

de promover a demolição de barreiras construídas pelos indígenas, dispersas por diferentes pontos da cidade. Na intenção de defender a estética da capital da colónia, as habitações dos indígenas vão ser concentradas em bairros especiais, obedecendo a alinhamentos e condições higiénicas, em terrenos especialmente designados.

• A Companhia de Moçambique propôs ao Governo que seja alterado o regulamento de minas, em vigor nos seus territórios.

• Foi prorrogado até ao fim do corrente ano o prazo para a transformação dos edificios provisórios em definitivos, onde presentemente é exercido comércio, na área do extinto distrito do Niassa.

• Foi aprovado o regulamento das indústrias insalubres, incómodas perigosas ou tóxicas, de Lourenço Marques.

• Foram criadas carreiras de camionagem automóvel entre Mocuba-Milange-Blantyre e Tete-Mocuba-Guréré, com base na testa do Caminho de Ferro de Quelimane, em exploração, a fim de a primeira estabelecer ligação com o distrito de Tete, através da Niassalândia, podendo a Administração dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes iniciar estas e outras carreiras que as correntes do tráfego indicarem.

• Segundo notícias da Beira, a Inyaminga Petroleum prossegue nos seus trabalhos de pesquisa de petróleo, tendo uma das sondagens atingido a profundidade de 3.897 pés e sido encontradas características que são consideradas favoráveis, pelo que os trabalhos de perfuração serão agora, mais do que nunca, seguidos com interesse.

• O Príncipe Luiz de Bourbon e o sr. Georges Bailleux, que eram concessionários de licenças para a instalação de 5 fábricas para o descarçamento e prensagem de algodão no distrito de Moçambique, foram autorizados a transferi-las para a Société Coloniale Luso-Luxembourgeoise.

• Para fazer parte da delegação desta colónia à Conferência Económica do Império Colonial Português, foi nomeado o sr. engenheiro Mário Ferreira Mendes, director das Obras Públicas de Moçambique.

• A fim de facilitar as transacções entre Moçambique e o Norte de Portugal, a direcção da "Casa da Metrópole", em Lourenço Marques enviou às Companhias Nacional e Colonial de Navegação uma exposição onde são evidenciados os inconvenientes da baldeação em Lisboa das mercadorias aos portos de África destinados e carregados previamente no porto de Leixões ou no Douro, por navios auxiliares. Recomenda-se atenção ao pedido feito para os paquetes destinados às carreiras irem ao Norte, alguns dias antes do início das suas escalas, carregar ali as mercadorias.

## Índia

Está-se organizando em Nova Goa uma exposição industrial, comercial, agrícola e Pecuária do Estado da Índia.

• Vão recommençar brevemente os trabalhos de drenagem, balizagem e farolamento dos portos da Índia.

• Por iniciativa do governador de Damão, realizou-se ali uma festa cívica comemorativa da reconquista daquela praça. Discursaram os srs. dr. Hormosgi Ardessar Dadrawalá, e major Craveiro Lopes.

Realizou-se também uma missa cantada pelo rev.<sup>o</sup> Padre José dos Remédios.

• Vai ser construído em Vasco da Gama, (Mormugão) um edificio para as repartições públicas.

• Uma comissão dos proprietários e comerciantes



de sal, residentes em Goa, entregou ao governador geral uma representação sobre a referida indústria, expondo na mesma o eslado verdadeiramente lamentável a que acaba de chegar e sugerindo providências que o govêrno pode aprovar.

• O govêrno geral da Índia propôs uma modificação nas pautas aduanciras, no sentido de serem alterados os direitos de importação de côco, copra e óleo de côco.

• Vai ser publicado um novo regulamento do Corpo de Polícia de Fiscalização da Índia.

O seu actual comandante, sr. tenente-coronel Júlio de Oliveira deixa aquele comando em Setembro do corrente ano, retirando para a Metrópole, a fim de freqüentar a Escola Central de Officiais, para poder ser promovido ao posto immediato.

• Foi proposta uma nova escola de Artes e Offícios no Estado da Índia com sede em Damão, escola que será dirigida por um engenheiro.

• Vão ser reorganizados os serviços de saúde do Estado da Índia, estando o governador na disposição de dotar os hospitais da colônia com os serviços de radiologia.

• O empréstimo proposto pelo governador da Índia e que está sendo estudado nas secções competentes, na importância de 5 laques de rupias, é destinado unicamente à conservação de Monumentos Nacionais e à construção duma galeria de arte.

• Foram adjudicadas: a execução, por empreitada, da obra de reparação do ramal de Mapuçá a Betim, por meio de betão de cimento e revestimento de colas; e igualmente, por empreitada a obra de reparação do trôço da estrada nacional n.º 7, compreendida entre D. Paula e a Velha Cidade, seus ramais e variantes.

• Segundo telegrama recebido da Índia, terminou a exportação de mangas verdes para a Índia Inglesa; a qual foi menor que a do ano passado, visto a sua produção ter sido 50 por cento da normal.

• O govêrno da Índia propôs que fôsse autorizada a admissão de estrangeiros como colonos, quando não os haja nacionais, com a condição de aqueles se naturalizarem portugueses ao cabo de 3 anos de permanência na colônia.

• O govêrno do Estado da Índia mandou, pela Direcção dos Serviços da Fazenda abrir um crédito especial de Rps. 108:12:11, destinado ao pagamento das despesas com enterramento e condução dos variolosos efectuadas no ano económico findo de 1934-1935.

• O govêrno geral da Índia enviou ao Ministério das Colônias a estatística aduaneira referentes aos anos de 1934-1935 pela qual se vê que a importação para consumo foi, respectivamente, de rupias 14:268:563 e 14:186:250 e a exportação nacional e nacionalizada no valor de 2:784:880 e 2:590:210, sendo o rendimento no Tesouro na importância respectiva de rupias 2:590:200 e 2:797:728.

## Macau

No hospital de Santa Sancha e noutros locais da cidade, foi criada uma consulta médica gratuita aos pobres, a cargo do dr. Peregrino da Costa, complemento da assistência oficial aos naturais com o concurso das autoridades sanitárias locais.

O trabalho e as suas conclusões foram mal recebidos pela opinião pública.

• Vão ser reorganizados os Serviços Telégrafo-Postais, Radiotelegráficos e Telefónicos da colônia de Macau.

• Foi pôsto a concurso a arrematação do exclusivo das lotarias "Pacapio", "Sanpio", e "Chimpupio" em Macau, Taipa e Coloane, pelo prazo de um ano. A base de arrematação foi de um milhão cento e sessenta e uma mil patacas, acrescida do adicional de 1 por cento para o Montepio Oficial de Macau e o depósito para garantia da proposta, de cento e dezasseis mil e cem patacas.

• Foi autorizado o governador da colônia de Macau a abrir um crédito especial de \$50:000,00 para ocorrer às despesas a fazer na colônia de Moçambique com a preparação da companhia expedicionária que vai render a que se encontra ao serviço da primeira das referidas colônias.

## Timor

O govêrno de Timor vai enviar ao Ministério das Colônias o plano de melhoramentos que pretende realizar em tôdas as circunscricões, assim como o plano de fomento e outros melhoramentos a introduzir na colônia, a fim de os sujeitar à aprovação do govêrno central.

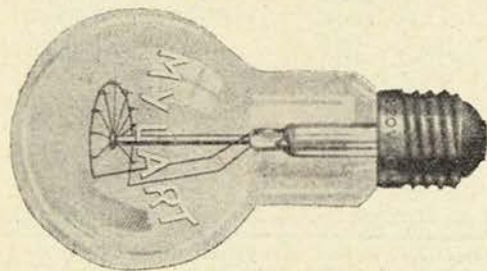
• Estão já apuradas as contas de gerência da colônia de Timor, por elas se verificando que ficou em dia o serviço de contas da mesma colônia. Esse apuramento de contas foi feito desde 1914. As contas de 1929 a 1933 accusam um saldo positivo de patacas 1.039.926,93 e nas de 1933 a 1935 o saldo é de patacas 551.792,20.

• A Delegação à I Conferência Económica do Império Colonial, da colônia de Timor, presidida pelo capitão sr. José Esquivel ocupar-se-á nessa conferência dos assuntos referentes à navegação e entendimento económico com a colônia de Macau, Casa de Timor em Macau e da quantidade de café que a Metrópole deve importar daquela colônia.

• Pela Casa da Moeda vão ser fornecidos, a pedido do govêrno de Timor, selos de assistência das taxas de 10 e 20 avos.

• Pelo govêrno de Timor está sendo estudado o problema relativo à navegação entre aquela colônia e Macau, e possivelmente, com a Austrália.

• O govêrno comunicou estar concluída a estatística geral da colônia referente ao ano próximo passado.



# MYLART

**A mais económica  
e resistente**

**DISTRIBUIDORES:**

NO SUL:

EMPRESA COMERCIAL MYLART

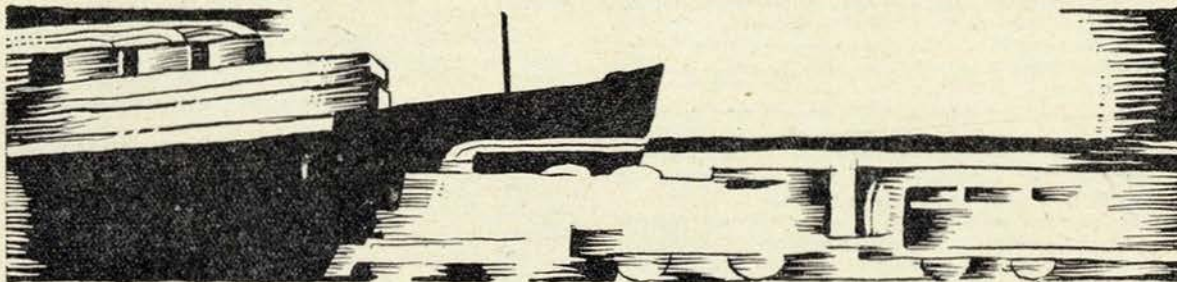
Calçada de Santos, 19

NO NORTE:

SOUSA, VALENTE & C.<sup>a</sup>, LTDA.

R. Sá da Bandeira, 116





# ESTATÍSTICA

## Índices-Números das cotações dos géneros coloniais

DESIGNAÇÃO	1914 Julho	Índices-números				Índice-número		
		1932	1933	1934	1935	1935 Janeiro	1936 Janeiro	1936 Fevereiro
LISBOA (cidade) .....	100	1.636	1.304	1.303	1.275	1.292	1.114	1.251

Do Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.

## Cotações dos géneros coloniais (Praça de Lisboa)

Géneros	Unidade	Cotações em (a)	
		1929 15 de Janeiro	1935 15 de Dezembro
Cacau fino .....	15 quilogr.	77\$00	35\$00
Cacau paiol .....	»	62\$00	25\$00
Cacau escolha .....	»	36\$00	17\$50
Café de S. Tomé, fino .....	»	(b) 210\$00	—
Café de Novo Redondo .....	»	124\$00	40\$00
Café de Ambriz .....	»	123\$00	40\$00
Café de Encoje .....	»	116\$00	38\$00
Café do Cazengo (de 2. <sup>a</sup> ) .....	»	120\$00	36\$00
Coconote .....	»	33\$00	17\$50
Copra .....	»	42\$00	19\$00
Óleo de palma, mole .....	»	45\$00	(d) 35\$00
Rícino .....	»	27\$00	20\$00
Gergelim .....	»	34\$00	20\$00
Algodão .....	Quilog.	10\$00	6\$50
Cera .....	»	16\$00	11\$00
Cola .....	»	6\$00	(e) —
Açúcar, rama .....	»	(c) 1\$70	(e) —
Milho .....	»	\$94	—
Coiros .....	»	15\$00	6\$00

(a) As cotações apresentadas representam a média nas datas indicadas ou na data mais próxima — (b) Cotação em 1 de Agosto de 1928 — (c) Cotação em 21 de Setembro de 1928 — (d) Em tambores — (e) Não foi negociado.



# Situação dos Bancos Coloniais com sede em Lisboa, em 31 de Janeiro de 1936

(Valores em escudos)

BANCOS	ACTIVO				PASSIVO	
	CAIXA		Letras descontadas sobre o País e transferências	Letras a receber	Depósitos à ordem	Depósitos a prazo
	Dinheiro em cofre	Depósitos noutros bancos				
Banco de Angola (Sede) . . . . .	432.502	5.767.423	3.246.868	—	6.906.260	2.198.600
Banco N. Ultramarino (Sede)	10.434.564	2.771.599	202.168.120	—	150.640.646	139.700.526

Do Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.

## Reexportação e trânsito de mercadorias das Colónias portuguesas por Lisboa em Janeiro de 1936

MERCADORIAS	QUANTIDADES EM QUILOGRAMAS		VALOR EM ESCUDOS	
	Fevereiro	Janeiro e Fevereiro	Fevereiro	Janeiro e Fevereiro
<b>Reexportação :</b>				
Cacau . . . . .	2.524.066	2.699.253	5.486.640\$00	5.868.574\$00
Café . . . . .	746.056	749.691	1.720.129\$00	1.728.549\$00
Cera . . . . .	139.367	162.790	1.450.564\$00	1.694.456\$00
Outras mercadorias . . . . .	518.324	591.419	521.472\$00	623.524\$00
Total . . . . .	<u>3.927.813</u>	<u>4.203.153</u>	<u>9.178.805\$00</u>	<u>9.915.103\$00</u>
<b>Trânsito internacional :</b>				
Cacau . . . . .	—	—	—	—
Café . . . . .	160.520	405.801	407.440\$00	989.840\$00
Cera . . . . .	35.816	66.506	367.000\$00	666.000\$00
Óleos de palma e côco . . . . .	117.118	117.118	135.200\$00	135.200\$00
Urşela . . . . .	—	—	—	—
Outras mercadorias . . . . .	355.446	634.131	435.000\$00	872.000\$00
Total . . . . .	<u>668.900</u>	<u>1.223.556</u>	<u>1.344.640\$00</u>	<u>2.663.040\$00</u>

Do Boletim Mensal da Direcção Geral da Estatística.



## Quantidades em quilogramas de algumas mercadorias importadas e exportadas de e para as Colónias portuguesas de Janeiro a Fevereiro de 1936

MERCADORIAS	Angola	Cabo Verde	Guiné	Moçambique	S. Tomé e Príncipe	India, Macau e Timor
<b>Importadas das Colónias :</b>						
Arroz.....	—	—	—	—	—	—
Açúcar.....	2 863,260	—	—	3,991,212	—	—
Café.....	540,945	4,654	—	33	21,022	4,479
Trigo em grão.....	—	—	—	—	—	—
Peles em bruto.....	—	—	—	—	—	—
Algodão em caroço, rama ou cardado.....	322,242	—	—	385,564	—	—
Sementes oleaginosas.....	446,602	291,323	1,301,399	19,998	488,112	—
Milho.....	1,364,026	—	—	139,812	—	—
<b>Exportadas para as Colónias :</b>						
Vinhos do Pôrto (decalitros).....	883	52	59	2,642	13	196
» da Madeira (decalitros).....	—	—	—	31	—	23
» comuns tintos (decalitros).....	78,414	2,513	8,689	81,918	6,581	2,374
» » brancos (decalitros).....	—	—	—	—	—	—
» licorosos (decalitros).....	—	—	—	—	—	—
Conservas de vegetais..... quilo	—	—	—	—	—	—
Sardinhas em salmoura.....	—	—	—	—	—	—
Conservas de sardinha.....	2,692	4,309	—	37,523	1,080	704
Conservas de peixe não especificado.....	—	—	—	—	—	—
Cortiça em rolhas.....	38	—	—	708	—	—

Do Boletim da D. G. E.

## Acções de Companhias Coloniais

1936		Vencimento de juros ou dividendo	Último juro ou dividendo pago		VALORES	OFERTAS			
Máximo	Mínimo		Data	Quantia		15 Março 1936		15 Abril 1936	
						C.	V.	C.	V.
116\$00	103\$00	11-6-1935	1934	L. 5\$00	Agrícola das Neves.....	112\$50	114\$00	114\$50	116\$00
114\$00	99\$00	23-3-1936	1935	L. 6\$00	Agricultura Colonial (Soc.).....	113\$00	120\$00	108\$00	115\$00
605\$00	500\$00	5-3-1936	2. <sup>a</sup> -1935	L. 13\$00	Açúcar de Angola.....	577\$50	579\$00	573\$00	574\$00
70\$00	53\$00	15-7-1929	1928	£ 0-3-2 <sup>2</sup> / <sub>3</sub>	Boror.....	66\$00	68\$00	70\$00	—
14\$00	13\$00		1927		Cabinda.....	13\$50	14\$00	—	14\$00
37\$50	28\$00	11-7-1929	1928	£ 0-0-0,6	Buzi—de 1 a 150.000 1. <sup>a</sup> Em.....	31\$50	32\$50	35\$50	36\$00
36\$50	27\$50	11-7-1929		£ 0-0-0,6	Buzi—de 150.001 a 300.000 2. <sup>a</sup> Em.....	30\$00	31\$50	34\$50	36\$50
—	15\$00	1-4-1929	1927	L. 10\$00	Colonial de Navegação.....	15\$00	25\$00	15\$00	—
232\$00	197\$00	22-4-1935	1934	L. 9\$00	Ilha do Príncipe.....	218\$50	219\$50	225\$00	228\$00
18\$00	11\$80	2-6-1930	1928-29	L. \$99	Zambézia—t. 25.....	14\$50	—	—	—